



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**



UZIAS VIEIRA DA ROSA

PROJETO DE TEMPLO EVANGÉLICO

**IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS – SANTA ROSA
CURITIBA - PR**

CURITIBA

2013

PROJETO DE TEMPLO EVANGÉLICO

**IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS – SANTA ROSA
CURITIBA - PR**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Marcos Mottos Barnabé

CURITIBA

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Examinador(a):

Examinador:

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2013.

Dedico este trabalho a Deus,
supremo e perfeito arquiteto.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ubirajara da Rosa e Maria de Lourdes Vieira da Rosa, meus primeiros mestres, pelo amor e carinho recebido em todos os momentos.

Ao mestre Paulo Barnabé, pelo acompanhamento e paciência no desvendar e na sistematização do conhecimento, despertando neste autor o interesse pela pesquisa e ensino.

A minha noiva Heloíse Coelho, pela compreensão nos momentos de ausência e palavras de estímulo.

A minha irmã Ester, pelo apoio nos momentos difíceis.

As minhas vizinhas Lucia e Lucinéia, pelos momentos de descontração no café de todas as tardes e o uso da internet.

Aos meus amigos: Andersom e Eliane Carvalho Gama, Gysabelle Lourenço e Leandro Guimarães.

Ao meu pastor Ozéas A. da Silva e a minha igreja – Assembleia de Deus em Santa Rosa – que tem me apoiado e me coberto com suas orações.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho tenha se tornado possível.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a definição de diretrizes projetuais para a elaboração de um templo evangélico, com enfoque na utilização deste por seus variados ritos. O estudo deste tema pelo autor partiu da necessidade de compreensão de quais elementos caracterizam a arquitetura religiosa, uma vez que, com o crescimento das denominações evangélicas e sua carência por novos espaços de culto, o que se tem observado é uma proliferação de arquitetura inapropriada ao uso, pobre e carente de significação sagrada. Para isso, foi necessário um estudo dos conceitos do sagrado e profano, suas materializações bem como um estudo dos ritos praticados pelas igrejas cristãs evangélicas, em especial a Assembleia de Deus no Brasil. A partir desses conceitos, das análises dos estudos de caso e da interpretação da realidade, foram pontuadas questões fundamentais a serem observadas no momento posterior, quando se dará a elaboração do projeto de um templo evangélico. Espera-se que o presente trabalho acadêmico possa contribuir de alguma maneira com a discussão do assunto, em especial no segmento religioso, do qual o autor participa.

Palavras-chave: Arquitetura religiosa. Espaço sagrado. Comunhão. Assembleia de Deus.

ABSTRACT

This research aims to define guide lines for the formulation of an evangelical church, sticking up on its various rites usages. The study of the subject by the author departed from the need of understanding which elements characterize religious architecture, since, with the growth of evangelical denomination and its lack of new places of worship, what has been observed is the proliferation of an inappropriate architecture for its usages, poor and needy of sacred significance. Therefore, was necessary to study the concepts of the sacred and profane, their materialization such as the study of the rites practiced by evangelical christian churches, particularly the Assemblies of God in Brazil. From these concepts, analysis of case and interpretation of reality, were scored key issues to be observed in the later time, when will be designed an evangelical church. It is hoped that the present academic work can contribute in some way to the subject discussion, especially in the religious sector, which the author participates.

Keywords: Religious Architecture. Sacred space. Communion. Assemblies of God.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - VISTA DO INTERIOR DA IGREJA NOSSA SENHORA DOS MARES, SALVADOR, BAHIA. FONTE: HTTP://ANDATRILHO.WORDPRESS.COM	20
FIGURA 2 - VISTA DA ESCADARIA NA FACHADA FRONTAL DO TEMPLO MÓRMON DE CURITIBA. FONTE: HTTP://WWW.LDSCHURCHTEMPLES.COM	20
FIGURA 3 - CROQUI DO EFEITO CLARO E ESCURO NA CATEDRAL DE BRASÍLIA. FONTE: DO AUTOR.	21
FIGURA 4 - MOMENTO DE ORAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS - CENTRO CÍVICO. FONTE: DO AUTOR.	21
FIGURA 5 - MAQUETE DA MESQUITA DE ARGEL. FONTE: FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER.	22
FIGURA 6 - VISTA DO ESPELHO D'ÁGUA DA CATEDRAL DE MARINGÁ. FONTE: ANTONIO RIZZO	23
FIGURA 7 - CEMITÉRIO DE BRION. FONTE: HTTP://PHILLIPSGARDEN.FILES.WORDPRESS.COM	24
FIGURA 8 - GRAVURA ILUSTRATIVA DO TABERNÁCULO EM MEIO AO ACAMPAMENTO. FONTE: LAWRENCE, 2008.	25
FIGURA 9 - TEMPLO DE SALOMÃO. FONTE: HTTP://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/EVANDROBERTOL/3728308036/	26
FIGURA 10 - PLANTA DO TABERNÁCULO. FONTE: BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2008.	27
FIGURA 11 - VISTA INTERNA DA IGREJA DE SANTA SOFIA, ISTAMBUL. FONTE: HTTP://ARCHITECT.NO.SAPO.PT/HAGIA_SOPHIA	30
FIGURA 12 - IGREJA ROMÂNICA DE OUTEIRO SECO, PORTUGAL. FONTE: HTTP://CHAVES.BLOGS.SAPO.PT	31
FIGURA 13 - CATEDRAL DE LÉON, ESPANHA. FONTE: HTTP://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/VRIBEIRO/5581056995/	31
FIGURA 14 - VISTA DO INTERIOR DA IGREJA DA NATIVIDADE, ISRAEL. FONTE: HTTP://COLUNAS.REVISTAEOCA.GLOBO.COM/VIAJOLOGIA/2008/12/25/FELIZ-NATAL/	34
FIGURA 15 - PLANTA DA CASA CRISTÃ DE DURA EUROPOS, SÍRIA. FONTE: HTTP://ARTGALLERY.YALE.EDU/DURAEUROPOS/DURA.HTML	42
FIGURA 16 - PINTURA ENCONTRADA NAS CATACUMBAS, ROMA. FONTE: HTTP://USUARIS.TINET.CAT/FQI_SP04/EUC_PEIXOS_SP.HTM	43
FIGURA 17 - CORTE ESQUEMÁTICO DA BASÍLICA DA NATIVIDADE. FONTE: JULIÁN DE VELASCO.	44
FIGURA 18 - CROQUI DAS IGREJAS DE PLANTA CENTRADA E LINEAR. FONTE: DO AUTOR.	46
FIGURA 19 - CORTE E PLANTA DA IGREJA DE CHRISTIAN, DINAMARCA. FONTE: RASMUSSEM, 1986.	50
FIGURA 20 - CROQUI DE POSSÍVEIS ORGANIZAÇÕES DO ESPAÇO DE CULTO. FONTE: DO AUTOR.	53
FIGURA 21 - TANQUE ELEVADO NO LADO DIREITO DA IMAGEM, NO TEMPLO DA ASSEMBLEIA DE DEUS DO BELENZINHO, SÃO PAULO. FONTE: HTTP://CONFRADESP.BLOGSPOT.COM.BR/2010_11_01_ARCHIVE.HTML	55
FIGURA 22 - PERSPECTIVA DO TANQUE BATISMAL NO PISO DO NOVO TEMPLO DA ASSEMBLEIA DE DEUS DO BELENZINHO, SÃO PAULO - E SEU USO POR OCASIÃO DAS FESTIVIDADES DO CENTENÁRIO DAS	

ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. FONTE: HTTP://CAADEP.BLOGSPOT.COM.BR E HTTP://MULHERESADBGUARULHOS.BLOGSPOT.COM.BR	55
FIGURA 23–VISTA FRONTAL ASSEMBLEIA DE DEUS - VILA HAUER. FONTE: ADHAUER	63
FIGURA 24- SITUAÇÃO. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	63
FIGURA 25 - VISTA GERAL DA ESQUINA: A ESCALA DO EDIFÍCIO E SEU ENTORNO. FONTE: DO AUTOR.	64
FIGURA 26 – IMPLANTAÇÃO. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	64
FIGURA 27 - CORTE ESQUEMÁTICO COM DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA. FONTE: DO AUTOR.	65
FIGURA 28 - VISTA INTERNA DA NAVE COM MEZANINO. FONTE: ADHAUER.	65
FIGURA 29 - VISTA INTERNA DO ALTAR. FONTE: ADHAUER.	66
FIGURA 30 - VISTA DAS SALAS NO INTERIOR DO MEZANINO E DO INTERIOR DO ESTACIONAMENTO. FONTE: ADHAUER.	67
FIGURA 31 - CROQUI DO CORTE DO EDIFÍCIO. FONTE: DO AUTOR.	67
FIGURA 32 - CROQUI DA DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA NO SUBSOLO E PRIMEIRO PAVIMENTO. FONTE: DO AUTOR.	68
FIGURA 33 - DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA NO SEGUNDO E TERCEIRO ANDAR. FONTE: DO AUTOR.	68
FIGURA 34 - ASCENSÃO SIMBÓLICA. FONTE: DO AUTOR.	69
FIGURA 35 - ACESSO PRINCIPAL. FONTE: ADHAUER.	69
FIGURA 36 - ALTAR ILUMINADO E NAVE NA PENUMBRA. FONTE: ADHAUER.	70
FIGURA 37 - VISTA FRONTAL DO EDIFÍCIO. FONTE: ARCHDAILY.	70
FIGURA 38 - VISTA LATERAL DO EDIFÍCIO. FONTE: ARCHDAILY.	71
FIGURA 39 - PLANTA DE COBERTURA. FONTE: ARCHDAILY.	71
FIGURA 40 - BAIRRO CANTURSELL. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	72
FIGURA 41– IMPLANTAÇÃO. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	72
FIGURA 42 - PLANTA BAIXA. FONTE: ARCHDAILY.	74
FIGURA 43 - ESPAÇO DE CULTO. FONTE: ARCHDAILY.	75
FIGURA 44 - CORTES DO EDIFÍCIO. FONTE: ARCHDAILY.	75
FIGURA 45 - FACHADAS DO EDIFÍCIO. FONTE: ARCHDAILY.	76
FIGURA 46 - VISTA EXTERNA DO PÁTIO COM ESCADA EM ANFITEATRO. FONTE: ARCHDAILY.	76
FIGURA 47 - VISTA DA PRIMEIRA IGREJA CONGREGACIONAL DE ROCHESTER, MICHIGAN, EUA. FONTE: ARCHDAILY.	77
FIGURA 48 - IMPLANTAÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO. FONTE: ARCHDAILY.	78
FIGURA 49 - VISTA DO EDIFÍCIO EXISTENTE. FONTE: GOOGLE STREETVIEW	78
FIGURA 50 - VISTA DO NOVO EDIFÍCIO AO FUNDO. FONTE: GOOGLE STREETVIEW.	78
FIGURA 51 - LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	79
FIGURA 52 - IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO. FONTE: GOOGLE MAPS.	80
FIGURA 53 - CROQUI DA DISTRIBUIÇÃO DOS USOS NOS NÍVEIS. FONTE: DO AUTOR	80
FIGURA 54 - PLANTA BAIXA PAVIMENTO INFERIOR. FONTE: ARCHDAILY	81
FIGURA 55 -PLANTA BAIXA DO PAVIMENTO SUPERIOR. FONTE: ARCHDAILY.	81

FIGURA 56 - CORTE AA E BB. FONTE: ARCHDAILY.	82
FIGURA 57 - VISTA INTERNA. FONTE: ARCHDAILY.	82
FIGURA 58 - VISTA INTERNA. FONTE: ARCHDAILY.	83
FIGURA 59 - VISTA DO RITMO DOS PILARES E DA CRUZ. FONTE: ARCHDAILY.	83
FIGURA 60 - CROQUI DE ANÁLISE DA LUZ NO INTERIOR DO TEMPLO. FONTE: DO AUTOR.	84
FIGURA 61 - PRIMEIRA PROPRIEDADE DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM CURITIBA. FONTE: ADCURITIBA	86
FIGURA 62 - VISTA DA FACHADA FRONTAL ASSEMBLEIA DE DEUS - CENTRO CÍVICO. FONTE: HTTP://PASTORDANIELPEDROSO.BLOGSPOT.COM.BR	86
FIGURA 63 - FOTO AÉREA DE 1972. FONTE: LAHURB.	88
FIGURA 64 - VISTA FRONTAL ASSEMBLEIA DE DEUS - VILA SANTA ROSA. FONTE: DO AUTOR.	88
FIGURA 65 - IMAGEN AÉREA DO DESLOCAMENTO DO TEMPLO. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	92
FIGURA 66 - LOCALIZAÇÃO DO JD. SOLITUDE. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	92
FIGURA 67 - LOCALIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS CRISTÃOS. FONTE: GOOGLE MAPS COM ADAPTAÇÃO DO AUTOR.	93
FIGURA 68 - VISTA DOS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS NO JD. SOLITUDE. FONTE: DO AUTOR.	93
FIGURA 69 - IMAGEM AÉREA DO TERRENO. FONTE: GOOGLE MAPS.	94
FIGURA 70 - VISTAS DO TERRENO. FONTE: DO AUTOR.	95
FIGURA 71 - CROQUIS DE ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS NO ENTORNO. FONTE: DO AUTOR.	95
FIGURA 72 - CROQUI DE ANÁLISE DA TIPOLOGIA DO PÁTIO NO MONASTERIO DE LA TOURETTE - LE CORBUSIER. FONTE: DO AUTOR.	100
FIGURA 73 - CROQUI DA CATEDRAL DA RESSURREIÇÃO DE ÉVRY - MARIO BOTTA. FONTE: DO AUTOR.	100
FIGURA 74 - CROQUI DA IGREJA SANTO VOLTO, TURIM - MARIO BOTTA. FONTE: DO AUTOR.	101
FIGURA 75 - CROQUI DA SINAGOGA DE DRESDEN - WANDEL, HOEFER, LORCH E HIRSCH. FONTE: DO AUTOR.	101
FIGURA 76 - ENSAIOS DE PROJETO. FONTE: DO AUTOR	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PARÂMETROS CONSTRUTIVOS	96
TABELA 2 – PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	98

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Delimitação do tema	14
1.2. Objetivo geral	14
1.3. Objetivos específicos	14
1.4. Justificativas	15
1.5. Metodologia de pesquisa	15
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA	16
2.1. O sagrado e o profano	16
2.1.1. O sagrado e seus símbolos	18
• O céu	19
• A água	22
2.1.2. O sagrado no período bíblico	24
2.1.3. O sagrado na evolução do Cristianismo	29
2.1.4. O sagrado na Reforma Protestante	31
2.1.5. O espaço sagrado e o uso da luz	34
2.1.6. Algumas ponderações sobre o sagrado	36
2.2. Rito	37
2.2.1. O culto cristão	37
• Fundamentação do culto no Antigo Testamento	38
• Fundamentação do culto no Novo Testamento	40
2.2.2. Desenvolvimento do culto cristão e seu rebatimento	
espacial	41
• Da casa à basílica	41
• O culto cristão na tradição católica	44

• O culto cristão na Reforma Protestante.....	46
• O culto cristão – contribuição Metodista e do Evangelismo	
Fronteiriço	50
• O culto cristão – contribuição Pentecostal.....	51
2.2.3. A santa ceia	53
2.2.4. O batismo.....	54
2.2.5. Dedicção de crianças.....	56
2.2.6. Ordenação de ministros	57
2.2.7. Demais ritos.....	57
2.2.8. Ponderações sobre o rito	60
3. ESTUDO DE CASO	61
3.1. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Hauer.....	62
3.1.1. Implantação	63
3.1.2. Programa.....	65
3.1.3. Simbolismo	69
3.2. Igreja Evangélica Unida, Terrassa – Espanha	70
3.2.1. Implantação	72
3.2.2. Programa.....	73
3.3. Igreja Unida de Cristo - Rochester, Michigan, EUA	77
3.3.1. Implantação	79
3.3.2. Programa.....	80
3.3.3. Simbolismo	82
4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	84
4.1. O público alvo	84
4.1.1. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....	85
4.1.1. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Santa Rosa	

4.2. O sítio	90
4.2.1. A evolução histórica do bairro Cajurú	90
4.2.2. Análise do entorno	91
4.2.3. O terreno	94
5. Diretrizes projetuais	96
5.1. Programa	96
5.2. Parâmetros de projeto	98
5.3. Prováveis tipologias	99
5.3.1. Ensaios	102
REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

Os edifícios religiosos são a maior expressão humana da arquitetura. Em geral, é neles que se encontram os melhores exemplares da arquitetura de uma civilização. A partir desta colocação surge um questionamento: Qual a qualidade apresentada nos edifícios religiosos evangélicos da atualidade? Uma vez que a realidade apresentada e vivida pelo autor aponta para uma arquitetura que não parece ser das melhores, reformula-se a questão: Quais os elementos que qualificam a arquitetura religiosa?

1.1. Delimitação do tema

Entendendo que o tema arquitetura religiosa e espaço sagrado são muito abrangentes, o presente trabalho procurou dar enfoque para a arquitetura religiosa cristã evangélica. Na visão do autor, este é um segmento em franca expansão que carece de espaços com arquitetura de qualidade.

Acredita-se que este trabalho poderá contribuir na discussão do assunto, quando houver a oportunidade da construção do novo templo da Assembleia de Deus – Santa Rosa, na cidade de Curitiba.

1.2. Objetivo geral

O presente trabalho acadêmico tem como objetivo geral a definição de diretrizes para elaboração do projeto de um templo evangélico, a partir da reflexão do espaço sagrado.

1.3. Objetivos específicos

Pretende-se com esse trabalho atingir aos seguintes objetivos:

- Compreender o que qualifica o espaço sagrado;
- Identificar os valores imprescindíveis ao Cristianismo, materializado em seus edifícios;
- Compreender a dinâmica do culto evangélico de modo a identificar suas necessidades espaciais;

- Definir diretrizes projetuais que qualifiquem o espaço do templo evangélico como sagrado a fim de nortear a elaboração do projeto arquitetônico.

1.4. Justificativas

Com a Reforma Protestante e, conseqüentemente, a negação de valores defendidos pelo Catolicismo Romano, e a mudança nos rituais de culto, o segmento evangélico carece de arquitetura de qualidade voltada para o atendimento das suas necessidades.

Inicialmente proibidos de possuírem edifícios caracterizados como religiosos no tempo do império, os protestantes se encontram hoje em um crescimento vertiginoso, principalmente daquelas ligadas aos ramos pentecostais e neopentecostais. A demanda por novos espaços, não suprida pela construção de novos templos, leva estes grupos muitas vezes a adaptar salões para as suas atividades, resultando assim em espaços sem significação sagrada. Quando estes têm a oportunidade de construir seus templos, acabam repetindo erros, oriundos dos espaços adaptados, por falta de uma discussão do assunto.

1.5. Metodologia de pesquisa

A metodologia utilizada buscou por meio de pesquisa, bibliográfica e webgráfica, organizar o conteúdo teórico relacionado aos conceitos de sagrado e profano, evolução do rito e o viver em comunidade com elementos que qualificassem a arquitetura sagrada e a percepção do espaço sagrado. Também foram desenvolvidos três estudos de casos correlatos, um local e dois internacionais, no anseio que estes facilitem a exemplificação dos conceitos estudados. Para o desenvolvimento do programa de necessidades foi utilizada a estrutura organizacional da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Santa Rosa. Uma vez definidas as diretrizes projetuais, foram desenvolvidos alguns ensaios de projeto como aproximação da etapa posterior que será a elaboração do projeto.

1.6. Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo este inicial introdutório, o qual tem por objetivo apresentar ao leitor o trabalho desenvolvido sobre o tema.

O segundo capítulo desenvolve os conceitos de sagrado e profano, o uso dos símbolos e as materializações do sagrado ao longo do judaísmo e cristianismo. Ainda neste capítulo são estudados os ritos cristãos, em especial aqueles pertinentes ao segmento evangélico, no anseio que estes apontassem as necessidades espaciais desta comunidade.

O terceiro capítulo busca mostrar, por meio dos estudos de casos, como foram resolvidos diferentes programas ligados ao espaço de culto, bem como a caracterização da arquitetura religiosa por meio da materialização da simbologia sagrada. Os estudos apresentados são da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Hauer na cidade de Curitiba, da Igreja Evangélica Unida na cidade de Terrassa, Espanha, e da Primeira Igreja Congregacional de Rochester, Michigan, EUA.

O quarto capítulo de interpretação da realidade analisa o público alvo, o entorno e o terreno para o qual será elaborado o projeto, bem como os fatores e as legislações que o condicionam.

O quinto capítulo, das diretrizes projetuais, tem por objetivo listar os parâmetros fundamentais a serem observados no momento da realização do projeto, bem como apresentar alguns ensaios de projetos nos quais os conceitos fundamentais da arquitetura religiosa foram levados em conta.

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Este capítulo tem por objetivo dotar a pesquisa de fundamentação teórica relativa à arquitetura religiosa, compreendendo que dois assuntos são essenciais para a discussão do espaço religioso: a interpretação do sagrado e suas materializações, e a compreensão das necessidades espaciais do edifício por meio da prática dos diversos ritos.

2.1. O sagrado e o profano

Segundo o dicionário Houaiss (2001), sagrado é 1. Relativo ou inerente a Deus, a uma divindade, à religião, ao culto ou aos ritos; sacro, santo 2. Que recebeu consagração, que se sagrou 3. Relativo a tudo quanto, por pertencer à divindade ou ser considerado como tal, participa do culto e respeito que se tem a essa mesma divindade 4. Que inspira ou deve inspirar respeito religioso ou profunda veneração.

Portanto, pode-se entender que, para que algo seja sagrado, há a necessidade da existência de um ser divino que sacraliza de alguma forma, por meio de uma intervenção, um objeto, um ser, um lugar, tornando estes qualitativamente diferentes dos demais. E se existe o sagrado, que é excepcional, existe todo o resto, que por não ter contato com a divindade, torna-se profano. Segundo Eliade (2001, p.17), “(...) a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”.

Em seu livro, intitulado *O Sagrado e o Profano* (Martins Fontes, 2001), Mircea Eliade aborda o assunto, mostrando inicialmente a visão do homem religioso sobre o mundo enquanto espaço. Para explicar melhor ao leitor, o autor usa o termo hierofania, que significa a manifestação de algo sagrado que pode ser “... desde a mais elementar hierofania... num objeto qualquer, uma pedra... até a hierofania suprema, que é para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo” (p.17). O mundo na visão do homem religioso enquanto espaço, segundo ele, não é homogêneo, devido a instabilidades geradas quando o transcendente entra em contato com o terrestre sacralizando algo.

“... a experiência religiosa da não-homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o ‘ponto fixo’, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há uma rotura na homogeneidade do espaço, como também uma revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não-realidade da imensa extensão envolvente” (ELIADE, 2001, p.25).

Ainda sobre a hierofania e o espaço ele escreve:

“Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2001, p.30).

Quando as roturas no espaço cósmico acontecem, ou seja, no imaterial, o homem busca encontrar no espaço material uma qualificação especial e quando não

encontra, ele a materializa por meio de uma construção, que por expressar algo sagrado, diferencia-se do entorno. Um exemplo disso pode ser encontrado na passagem bíblica de Gênesis 28.12-19 quando Jacó, em Harã, sonha com uma escada que ia da terra ao céu pela qual anjos subiam e desciam, e a voz do Senhor soou dizendo: “Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque...”, após isso ele acorda apavorado e diz: “Na verdade o Senhor está neste lugar e eu não sabia, quão terrível é esse lugar! Este não é outro lugar senão a Casa de Deus; e esta é a porta dos céus”. Pela manhã, ele tomou a pedra, em que apoiou a cabeça pra dormir, deitou azeite e chamou o lugar de Betel que significa Casa de Deus. No judaísmo era comum se levantar um monte de pedras para marcar um local. Isso mostra a construção de um espaço diferenciado, a quebra de um ritmo normal em meio ao deserto onde as pedras estão distribuídas de maneira aleatória.

Esses locais onde ocorre a rotura da homogeneidade, sacralizados pela hierofania – manifestação do sagrado – pode ser expresso por um eixo que liga a Terra, o Céu e o Mundo inferior – o *Axis Mundi* – ou como muitos povos acreditam – o Centro do Mundo.

2.1.1. O sagrado e seus símbolos

Vários elementos remetem ao sagrado e o homem sempre buscou adotá-los em suas construções no sentido de identificá-las como marcos sagrados, pois como afirma Eliade (2001, p. 43) “o homem religioso deseja viver o mais perto possível do Centro do Mundo”.

A materialização do *Axis Mundi* – o eixo vertical que liga a Terra, o Céu e o Mundo inferior – é apresentada em muitas culturas e religiões como a escada de Jacó, os obeliscos e as pirâmides no Egito, os zigurat na Babilônia, entre outros.

Dentre os muitos símbolos que permeiam a cultura cristã ressaltam-se dois - o céu e a água – no anseio com que estes venham dotar de conhecimentos suficientes para a elaboração de diretrizes projetuais de um templo evangélico.

Importante ressaltar que o símbolo não tem o poder de materializar o sagrado. O sagrado é imaterial. Dotar um símbolo de “poderes sobrenaturais” é cair no misticismo, no qual o objeto é a divindade, prática esta abominável segundo a Bíblia Sagrada.

- **O céu**

O céu por ser elevado, infinito, inatingível tem uma conotação sagrada para o homem religioso. É lá, para as muitas religiões, que se situa a morada dos deuses. Por ser infinito, o céu revela a transcendência e a eternidade. Segundo Eliade (2001, p. 100) “a transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. O muito alto torna-se espontaneamente um atributo da divindade”.

Para os cristãos o céu não só é a morada de Deus, apesar de ter sido criado por Ele e nem os mais altos céus pode conter a sua presença (cf. 1 Rs 8.27), como também é para lá que esperam ir os que morrem em Cristo. É nos céus que está a Cidade Santa, a nova Jerusalém, com suas ruas de ouro e muros de cristal.

Os templos carregam em si mesmo a conotação de cópias do transcendente, ou como diz Eliade (2001, p. 55) “a reprodução terrestre de um modelo transcendente”. O próprio tabernáculo dos judeus assim o era.

“Os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; como foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou” (Hb 8.5).

Os templos resultam do esforço humano de reproduzir o que foi passado de modo sobrenatural ou por meio de sonhos. Quando Davi vai orientar seu filho Salomão para a construção do Templo e entregar-lhe as plantas do edifício, bem como de todos os seus utensílios, ele diz que recebeu direto do Senhor (cf. 2 Cr 28.19).

No Cristianismo, as basílicas, e mais tarde as catedrais, retomam o simbolismo da Jerusalém celeste bem como do Paraíso. As cúpulas pintadas de azul contendo motivos celestes são as imagens mais imediatas da materialização deste simbolismo que veem a mente de qualquer pessoa que já teve a oportunidade de entrar em contato com um templo católico.

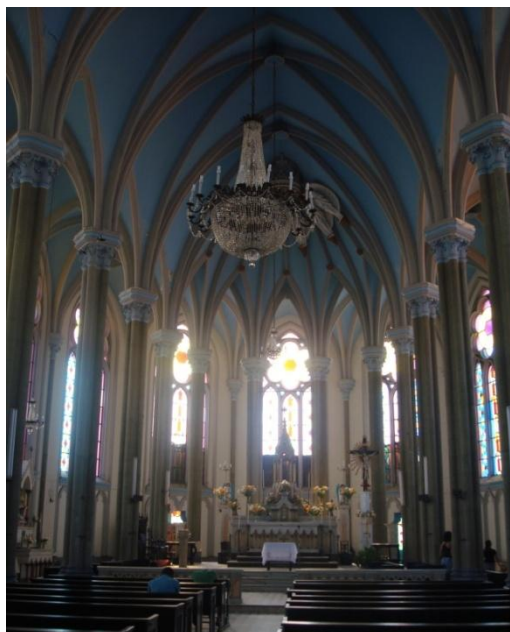


Figura 1 - Vista do interior da Igreja Nossa Senhora dos Mares, Salvador, Bahia. Fonte: <http://andatrilha.wordpress.com>

Por outro lado, o simbolismo celeste não é somente percebido pela visão de um espaço, ele pode ser percebido pelo ato de andar. Quando uma pessoa atinge um patamar mais alto subindo uma escada ou uma rampa, ela está mais próxima do céu. Nessa subida o ser humano reflete sobre sua posição perante aquele com que vai se encontrar. Faz parte da natureza humana procurar o divino, se aproximar do ser que lhe dá a vida. Isso pode ser percebido em várias culturas e religiões.



Figura 2 - Vista da escadaria na fachada frontal do Templo Mórmon de Curitiba. Fonte: <http://www.ldschurchtemples.com>

Curioso é perceber que o arquiteto Oscar Niemeyer consegue o mesmo efeito na Catedral de Brasília invertendo essa ordem. Utilizando uma passagem que desce para entrar no edifício, faz o usuário passar por um ambiente escuro – que faz o fiel refletir sobre a sua condição de pecador – para finalmente chegar ao espaço iluminado – encontrar a luz, ou seja, Deus.

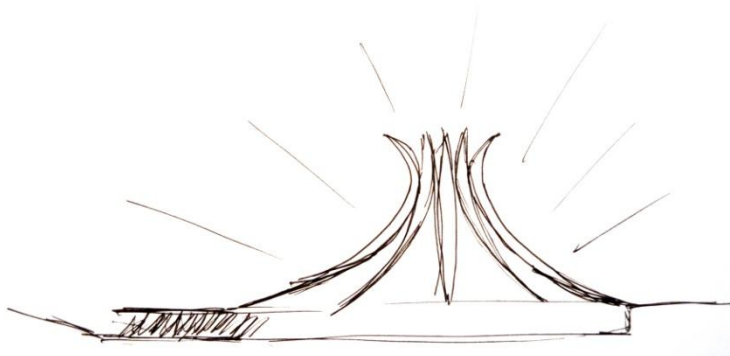


Figura 3 - Croqui do efeito claro e escuro na Catedral de Brasília. Fonte: do autor.

Ainda que o céu – aqui referido não ao céu que é o destino dos mortos, mas o céu azul, o atmosférico – não tenha uma conotação sagrada para os cristãos protestantes – pois o sagrado está dentro do ser humano – é para o céu ou para cima que eles erguem as mãos e dirigem suas orações, mostrando que o céu material ainda exerce grande influência na mente do ser humano.

“Retirado da vida religiosa propriamente dita, o sagrado celeste permanece ativo por meio do simbolismo. Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas a sua inteligência” (ELIADE, 2001, p.55).



Figura 4 - Momento de oração na Assembleia de Deus - Centro Cívico. Fonte: do autor.

- **A água**

Assim como o céu, a água tem um valor simbólico muito forte em inúmeras culturas e religiões. Isso porque a água tem o caráter de matar e dar vida.

A água adquiriu um valor religioso, pois foi sobre ela que pairou o Espírito de Deus antes da criação de todas as coisas (cf. Gn 1.2), ou seja, a água “presenciou” a Criação. Das águas se manifestaram, emergiram as terras.

“A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um novo nascimento; por outro, porque a imersão fertiliza e multiplica a vida” (ELIADE, 2001, p.110).

Em qualquer religião é encontrada a água com o mesmo valor simbólico de morte, renascimento e purificação. É possível que, ao projetar a Mesquita de Argel, o arquiteto Oscar Niemeyer tenha buscado no ritual de purificação dos muçulmanos – lavar as mãos e os pés para entrar na mesquita – a base para colocar o edifício no mar, simbolizando assim uma purificação do muçulmano ao passar pela água.

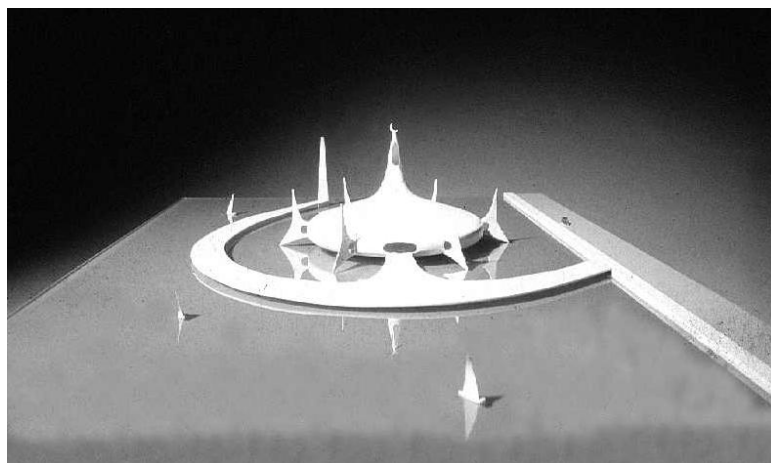


Figura 5 - Maquete da Mesquita de Argel. Fonte: Fundação Oscar Niemeyer.

Pela ação da água do dilúvio, o mundo foi purificado de uma civilização pecadora e perversa com a morte e renasceu numa nova civilização pela descendência de Noé e de sua família.

No Cristianismo a água tem o mesmo simbolismo de morte e renascimento, não sendo sagrada nela mesma, mas representando a morte do velho homem e o nascimento de uma nova criatura em Cristo. Desta simbologia nasce o rito do

batismo, que será abordado adiante. Importante ressaltar que a simbologia das águas é pré-cristã. Com sua nova interpretação foi-lhe adicionado novos valores.

“A fé cristã está suspensa de uma revelação histórica: é a encarnação de Deus no tempo histórico que assegura, aos olhos do cristão, a validade dos símbolos. Mas o simbolismo aquático universal não foi abolido nem desarticulado pelas interpretações históricas (judaico-cristãs) do simbolismo batismal. Em outras palavras a História não conseguiu modificar radicalmente a estrutura do simbolismo arcaico. A História acrescenta continuamente significados novos, mas estes não destroem a estrutura do símbolo” (ELIADE, 2001, p.116).

Alguns arquitetos, alguns de maneira acertada outros nem tanto, se utilizam do simbolismo da água para fazer emergir seus edifícios de modo a propiciar não só um “novo” espaço para culto, como também um elemento que distancia o observador para a visualização do conjunto e induz a determinados caminhos.

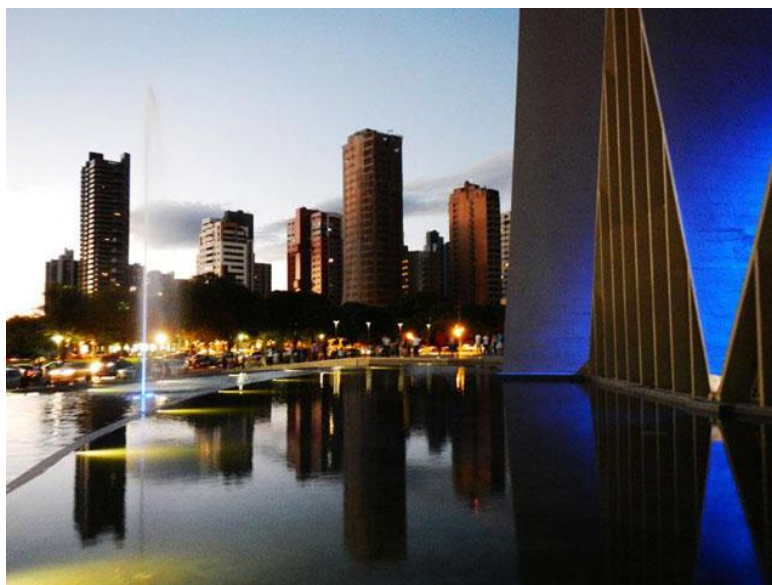


Figura 6 - Vista do espelho d'água da Catedral de Maringá. Fonte: Antonio Rizzo

A água com sua forma mansa, serena, quase parada propicia ao observador um sentimento de reflexão, um momento para deixar a correria do cotidiano e fazer uma introspecção. Um exemplo da aplicação da água com esta tônica encontra-se no projeto do Cemitério de Brion, do arquiteto Carlo Scarpa. Cabe aqui também o exemplo anteriormente citado da Mesquita de Argel – um lugar separado do Mundo pela água.



Figura 7 - Cemitério de Brion. Fonte: <http://phillipsgarden.files.wordpress.com>

2.1.2. O sagrado no período bíblico

O Judaísmo, religião ancestral do Cristianismo, é marcado por elementos sagrados. Sua chamada como “povo de Deus” nada mais é que um exemplo de hierofania. Deus chama Abrão, da cidade de Ur na Mesopotâmia, e manda que ele vá para uma terra que o próprio Deus lhe mostraria. Ali ele seria próspero e da sua descendência Deus faria uma grande nação (Gn 12.1-3).

Ao longo da trajetória do povo hebreu, várias demonstrações de hierofania confirmaram essa chamada do “povo de Deus”, sendo que nessas ocasiões eram erguidos altares e oferecidos sacrifícios de animais, demarcando assim espaços que serviriam de testemunho às gerações posteriores.

Quando o povo hebreu foi liberto da escravidão do Egito por Moisés e passou pelo Mar Vermelho, este acampou ao pé do Monte Sinai. Foi lá que ocorreu um dos episódios de hierofania mais longos da história, quando Moisés dialogou com Deus durante 40 dias e 40 noites. Neste encontro Deus passa a Moisés os 10 Mandamentos, bem como várias ordenanças a respeito da construção de uma tenda, na qual Ele habitaria entre o povo.

“E me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme tudo o que eu te mostrar para o modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis” (Gn 25. 8,9).

A tenda do Tabernáculo diferenciava-se das demais, quebrando o ritmo espacial do acampamento. A primeira diferença visual é que ela possuía uma barreira física que a separava do restante das tendas das tribos. Essa barreira era estruturada por um conjunto de colunas ricamente adornadas e o fechamento

composto de cortinas de linho fino. Esta estrutura conformava um pátio que continha a tenda da congregação. Esta também era uma construção totalmente diferente das demais, pois era retangular, não possuía aberturas laterais e apenas uma entrada coberta por uma cortina de linho fino trançada com fios de tecido azul, púrpura e escarlata. Sua estrutura consistia de tábuas de madeira de acácia revestidas de ouro sobre bases de prata e sua cobertura era composta por quatro camadas: a mais interna uma cortina de linho fino, seguida de uma camada de pelos de cabra, outra de pelos de carneiro tingidos de escarlata e a camada exterior de couro de texugo (cf. Ex 26).



Figura 8 - Gravura ilustrativa do tabernáculo em meio ao acampamento. Fonte: Lawrence, 2008.

As ordenanças que Deus falou a Moisés continham também regras sobre os sacrifícios e sobre a escolha do sacerdote, bem como das suas vestimentas (cf. Ex 20-31). Após o término da construção do tabernáculo ocorreu mais um episódio de hierofania.

“Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo, de maneira que Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porquanto a nuvem ficava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo. Quando, pois, a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, então os filhos de Israel caminhavam em todas as suas jornadas” (Ex 40. 34-36).

Após o povo hebreu se fixar na Terra Prometida e constituir-se como nação, sob o reinado de Salomão, em 586 a.C., foi erguido um majestoso Templo para a adoração a Deus.

Esta construção tinha o mesmo caráter litúrgico do tabernáculo, era composto pelo pátio e uma construção com duas salas – o Santo e o Santo dos Santos, porém em escalas maiores. O Templo destacava-se na malha da cidade de Jerusalém por sua implantação, estando localizado sobre o Monte Moriá, local onde ocorrera o episódio do quase sacrifício de Isaque por seu pai Abraão (Cf. Gn 22. 2), um lugar alto que podia ser visto a distância. A altura desta edificação era de aproximadamente 16 metros e na decoração era ricamente adornada, sendo o Templo considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

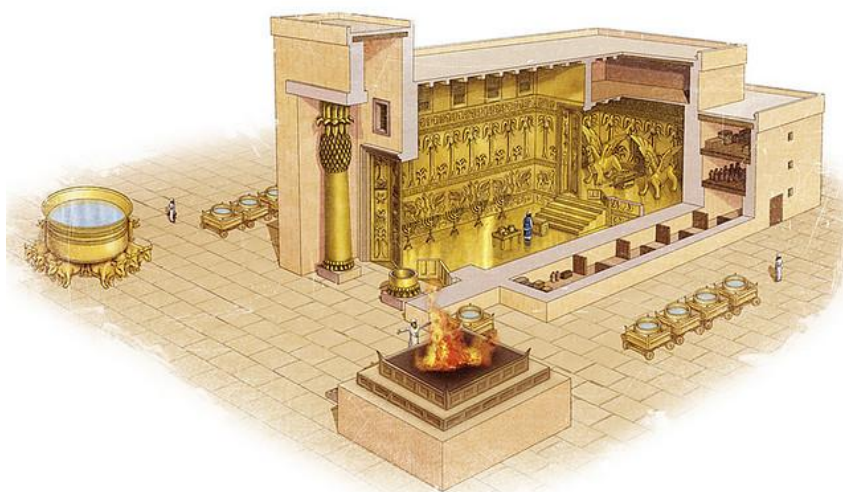


Figura 9 - Templo de Salomão. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/evandrobertol/3728308036/>

Quando este edifício foi inaugurado e foram oferecidos os sacrifícios, novamente a nuvem da glória do Senhor encheu o Templo, de forma que os sacerdotes não ficavam em pé (cf. 1Rs 8.10,11). Com a destruição do Templo pelos babilônios, as sinagogas passaram dar suporte ao culto judaico, porém sem a sacralidade e a veneração do Templo.

Em muitas passagens bíblicas vê-se o apego e a veneração que o povo de Israel tinha para com o Templo, a “Casa de Deus” ou os “átrios do Senhor” (cf. Sl 27.4; 65.4; 134.1-2; Is 6.1-4), mas ao mesmo tempo existia uma consciência que uma construção por mais especial que ela fosse não poderia conter Deus (cf. 1Rs 8.27; 2 Cr 6.18; Is 66.1-2).

O próprio Jesus se referiu a essas duas linhas de pensamento quando expulsou os mercadores do templo expressando a sacralidade do mesmo ao chamá-lo de “Casa de Oração” (cf. Mt 21.12,13) e na conversa com a mulher samaritana,

junto ao poço de Jacó, quando relativiza a importância do Templo ao afirmar que “os verdadeiros adoradores adorarão ao Pai em espírito e em verdade” (cf. Jo 4.21-24).

Sendo a nação de Israel o povo escolhido por Deus para trazer a salvação ao mundo, todos os elementos sagrados do Tabernáculo, os quais foram elaborados segundo modelo dado pelo próprio Deus, têm como objetivo internalizar no coração do ser humano a mensagem da vinda do Salvador e suas facetas representativas.

O Tabernáculo era uma tenda rodeada por uma estrutura composta de colunas e cortinas que configurava o pátio. A tenda era composta por dois compartimentos separados entre si por uma cortina. O cômodo maior e mais externo da tenda chamava-se Santo e o cômodo posterior a cortina e menor Santíssimo ou Santo dos Santos. Sempre que era montado, o tabernáculo tinha sua única abertura voltada para o nascente.

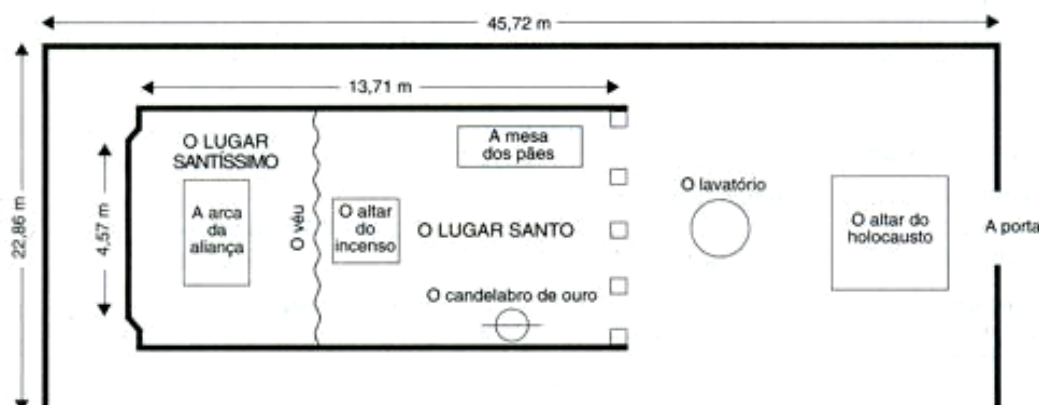


Figura 10 - Planta do Tabernáculo. Fonte: Bíblia de Estudo Pentecostal, 2008.

No pátio estava o altar do holocausto – onde os sacerdotes queimavam os sacrifícios – e a pia de bronze – na qual eles lavavam as mãos e os pés em sinal de purificação.

Ao entrar na tenda, no Santo, os sacerdotes encontravam do lado esquerdo o candelabro de ouro – elemento de iluminação do espaço composto por sete hastes, cada qual contendo um recipiente para a queima do mais puro óleo de oliva – do lado direito a mesa dos pães da proposição – doze pães empilhados representando as doze tribos de Israel que eram trocados semanalmente – e na parte posterior do espaço, no centro em frente à cortina, o altar do incenso –

pequeno altar onde eram queimadas as especiarias aromáticas como adoração a Deus (cf. Ex 25 – 27).

Atrás da cortina, no Santíssimo, estava a Arca da Aliança – uma caixa de madeira revestida de ouro com uma tampa contendo a escultura de dois querubins – sobre a qual o sacerdote uma vez ao ano aspergia sangue cobrindo o pecado do povo.

O claro entendimento do significado do sagrado se faz necessário para uma correta compreensão e leitura do sagrado no Cristianismo, enquanto doutrina e seu reatamento litúrgico e espacial.

O escritor da Carta aos Hebreus, nos capítulos 9 e 10, mostrou que o Tabernáculo tipificava a pessoa de Cristo, e concluía que Jesus Cristo cumpriu em si mesmo os três elementos centrais do culto judaico, a saber: o templo, o sacerdócio e o sacrifício.

- A porta: só havia uma entrada numa alusão a Jesus Cristo – o único caminho (cf. Jo 14.6).
- O altar do sacrifício: Jesus é o sacrifício oferecido pelos pecados do mundo (cf. Hb 9.28) e também o sacerdote que oferece o sacrifício (cf. Hb 8.6).
- A pia: o ato da purificação dos sacerdotes remete a purificação dos pecados (cf. Jo 1.29), bem como ao batismo que representa a nova vida em Cristo.
- O altar do incenso: o incenso queimado representa a oração verdadeira, que assim como a fumaça subia e inundava o Santíssimo, a oração chega até Deus por meio de Jesus (cf. Jo 14.13).
- A mesa dos pães da proposição – originalmente representava a provisão de Deus para com seu povo tipificando Cristo – o pão vivo que desceu dos céus para saciar a fome da humanidade (cf. Jo 6.35).
- O candelabro: elemento que mantinha o espaço iluminado tipifica Jesus a luz do mundo (cf. Jo 8.12).
- O véu: cortina que separava o Santo do Santíssimo – lugar esse acessado apenas pelo sumo sacerdote – tipifica Jesus Cristo, que foi rasgado na cruz, dando ao homem livre acesso a Deus, sem intermediários (cf. Hb 10.19,20).

- A arca da aliança: símbolo da presença de Deus no meio do seu povo, a arca tipifica Cristo que com seu sangue não só cobriu, mas apagou os pecados da humanidade unindo o homem a Deus (cf. Hb 7.25).

Sendo assim, quando o homem aceita Cristo como seu salvador, torna-se morada do Santo. Os cristãos primitivos entenderam perfeitamente essa mensagem, tanto que, no início do Cristianismo primitivo, estes não possuíam lugares sagrados, pois entendiam que o sagrado estava internalizado neles e por consequência aonde eles iam.

“Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14.23).

O termo igreja tem origem no grego (eklesia) e seu significado é “assembleia dos chamados para fora” (cf. At 11. 22), ou seja, uma reunião daqueles que carregam dentro de si o sagrado.

2.1.3. O sagrado na evolução do Cristianismo

Os cristãos primitivos começaram a reunir-se nas sinagogas e mais tarde nas casas com o mesmo pensamento dos judeus na prática do culto judaico na sinagoga. Não era atribuído qualquer valor especial ou místico a esses locais, o que importava era a reunião dos fiéis. Com o tempo criou-se o costume de partilhar a comunhão ou ceia (falar-se-á dela no rito) junto ao túmulo dos cristãos mortos, fato esse intensificado com a perseguição do Estado Romano à Igreja.

Sua rápida disseminação pelo Império Romano ocasionou um enfraquecimento doutrinário e, por conseguinte muitas práticas dos cultos pagãos greco-romanos foram se infiltrando nas bases de sua teologia. Os cristãos dos séculos II e III passaram a ver a presença dos ossos dos mártires como um motivo que sacralizava esses lugares, uma hierofania, passando a admitir a existência de lugares sagrados. Quando Constantino converte-se ao cristianismo, sabe-se que esses lugares sagrados já existiam, e foi sobre eles que os primeiros templos foram erguidos.

Esses lugares tornaram-se centros de peregrinação e as relíquias dos mártires foram retiradas de suas tumbas e colocadas a mostra sobre o altar

juntamente com a Eucaristia. Viola (2002, p. 53) afirma que a presença das relíquias era essencial para a legitimidade dos templos. Além da presença das relíquias era necessário que o edifício demonstrasse ao fiel que ele estava em um local sagrado, para tanto se buscou dar ao espaço construído uma atmosfera mística com o uso dos símbolos.



Figura 11 - Vista Interna da Igreja de Santa Sofia, Istambul. Fonte: http://architect.no.sapo.pt/hagia_sophia

A construção dos templos nos quais a nave ficava na penumbra e o altar banhado pelos raios solares, os mosaicos coloridos com imagens, o emprego da cúpula pintada de azul com motivos celestes e a utilização dos vitrais coloridos pelos quais a luz passava gerando uma atmosfera especial são elementos que veem reforçar essa intenção de dotar o espaço de uma aura transcendental.



Figura 12 - Igreja Românica de Outeiro Seco, Portugal. Fonte: <http://chaves.blogs.sapo.pt>

O ápice do sagrado na Idade Média culmina com a construção das catedrais góticas, símbolo de poder e força da Igreja Católica, numa representação da soberania divina e da insignificância humana traduzida pelo pé-direito extremamente elevado e o jogo de luzes coloridas que atravessam os belíssimos vitrais.

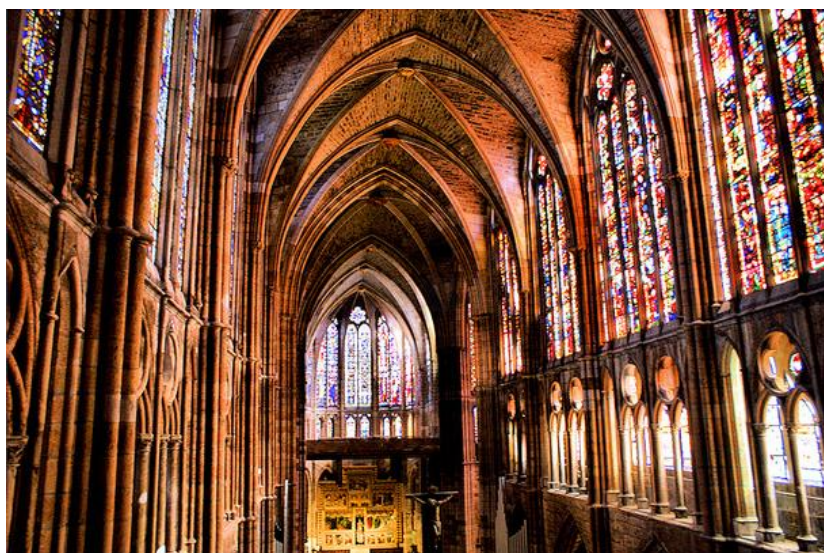


Figura 13 - Catedral de León, Espanha. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/vribeiro/5581056995/>

2.1.4. O sagrado na Reforma Protestante

Com sua doutrina centralizada nas escrituras e sua negação a todo o tipo de adoração que não fosse dirigida a Trindade, os protestantes retomaram o pensamento do sagrado dentro do homem e a simplicidade do culto cristão das

igrejas neotestamentárias. Agindo assim, os reformadores fatalmente tiveram que repensar o espaço arquitetônico.

Segundo Alderi de Matos (200?), em seu artigo intitulado *Os átrios de Senhor: o significado dos templos cristãos na história*, com a Reforma muitos dos templos católicos que passaram para o domínio dos protestantes tiveram suas imagens e altares retirados. Todavia, mantiveram o apreço pela arquitetura, o que pode ser notado em muitos templos, na Europa e nos Estados Unidos, das igrejas Luterana, Presbiteriana, Anglicana, Episcopal e Metodista. A utilização de templos mais simples e despojados de adornos ocorreu com grupos que contestavam mais veementemente a tradição católica como os anabatistas, os quacres e posteriormente os pentecostais. Todavia para nenhum dos segmentos reformistas o templo teve o simbolismo sagrado como para os católicos.

Com a disseminação do protestantismo por outros continentes, as construções seguiram um padrão do país de origem, pouco atentando para os padrões de arquitetura local e o clima.

Alguns fatores foram decisivos para que as construções religiosas protestantes no Brasil perdessem o “hábito” de se utilizar de bons espaços arquitetônicos. Dentre tantos, pode-se apontar aqui um fator que acentuou o despojamento da arquitetura de valores simbólicos, sendo este o fato do governo, que tinha como religião oficial a católica, não permitir que as igrejas protestantes construíssem seus templos com “cara de igreja”, contribuindo assim para o empobrecimento arquitetônico e artístico dos templos evangélicos.

Art. 5. A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo (Constituição de 1824).

Outra característica muito importante que contribuiu para isso foi o fato do protestantismo brasileiro, tendo suas raízes no protestantismo dos quacres, anabatistas e metodistas, ser contestador veemente do catolicismo romano, ou seja, se algum elemento lembrava ou estava presente nos templos católicos era retirado da edificação ou nem era colocado, numa clara reação a postura teológica e social dos católicos.

“Proibidos por lei de erguerem templos, construíam ‘casas de oração’: muitas delas foram apedrejadas ou queimadas. O protestante sentia-se discriminado e isolado em sociedades que se definiam como católicas. Não faltaram aos protestantes, agressividade e ódio contra os católicos. Consideravam o Catolicismo como símbolo de idolatria, de superstição, de ignorância, resíduo do mundo medieval já morto” (ARAÚJO *apud* ALVES, p.12).

Araújo (200?) defende ainda outros motivos que incentivaram essa postura protestante com relação ao espaço de culto. Segundo ela os protestantes concluem, com base em Mt 18.20 e Rm 8.9, que por serem templos do Espírito Santo e Deus estar onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, não necessitam de um espaço sacro. Outro motivo seria que as condições econômicas, do povo, não permitiam a compra de terrenos e a construção de grandes edifícios.

O despojamento das simbologias sagradas levou gerações inteiras a não atentarem para sua necessidade e, como consequência, a construção maciça de espaços sem significação religiosa. Quando foi percebida essa deficiência, o caminho de volta foi catastrófico. Muitos templos evangélicos buscaram o arco ogival, a cúpula e o frontão grego como elementos representativos de igreja, não atentando para o fato que eles são resultado de diferentes sistemas estruturais – cada qual pertinente para a sua época – e não de uma simbologia sagrada. Ao longo de décadas essa “cultura” se perpetuou, sem que ao menos alguém de dentro das igrejas discutisse o tema.

“A arquitetura demonstra a evolução de uma sociedade, visto que ela é uma linguagem que não gera mudança social, mas reflete a evolução da sociedade. E a cidade necessita muito de uma verdadeira linguagem que substitua o amontoado de frases e signos arquitetônicos sem sentido, porque muitas vezes quem os recebe e utiliza não sabe o que significam, mas sente seus efeitos” (ARAÚJO, 200?, p.14).

Não bastasse essa colagem mal sucedida, o crescimento vertiginoso das igrejas neopenteostais gera um novo problema: a falta de espaços para as reuniões de culto. Essa carência por espaços leva muitas denominações a tomarem duas atitudes: uma é adaptar um espaço qualquer, seja ele um salão, um teatro ou um cinema, para o serviço religioso; a outra é construir os megatemplos.

O problema da primeira é que na grande maioria dos casos as adaptações não conseguem suprir o antigo edifício de simbologia sagrada consistente. Já o problema criado com a segunda atitude é a impessoalidade dos espaços. Nos

megatemplos perde-se muito do caráter essencial do culto cristão – a comunhão entre os santos, assunto que abordaremos mais adiante – sem contar que a grande maioria repete a apropriação de elementos arquitetônicos consagrados na arquitetura religiosa e “cola” em seus edifícios, constituindo assim um ecletismo arquitetônico que muitas vezes traduz seu sincretismo religioso.

2.1.5. O espaço sagrado e o uso da luz

No decorrer da leitura deste capítulo é possível que o leitor tenha se perguntado: “Qual a espacialidade de um local sagrado?” Os mais atentos podem até fazer uma observação: “Ainda não foi falado sobre o simbolismo da luz”. Este curto capítulo tem por objetivo esclarecer alguns questionamentos, que já possam ter surgido, principalmente aqueles ligados a atmosfera do espaço sagrado oriundos do uso da luz.

A luz foi usada abundantemente como matéria nos espaços religiosos de muitas culturas. Aqui cabe ressaltar que, na grande maioria dos casos, o uso dela tinha por objetivo criar uma teatralidade, iluminar um local ou objeto místico, gerando assim no espaço uma atmosfera transcendental.

O catolicismo romano se apropriou do uso da luz para enfatizar sua doutrina e pensamentos. Como visto anteriormente, a nave na penumbra e o altar iluminado por um fecho de luz que se tornava quase material ao atravessar o espaço impregnado de fumaça dos incensos e das velas, tinha como objetivo dotar o espaço de uma atmosfera sagrada e causar no fiel um forte impacto.



Figura 14 - Vista do interior da Igreja da Natividade, Israel. Fonte: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/viajologia/2008/12/25/feliz-natal/>

No protestantismo essa materialidade da luz perde a razão de ser. Com sua doutrina centrada na pregação da palavra, os reformistas necessitavam que todos os fiéis participassem do culto e pudessem ler a palavra. Para obter esse resultado, uma das soluções foi iluminar o espaço. É do conhecimento geral que o ser humano torna-se mais ativo em um ambiente iluminado e sonolento em um espaço com pouca iluminação.

Outro ponto importante que afastou cada vez mais os templos protestantes do uso da luz como matéria é o uso da iluminação artificial. Com o desenvolvimento das lâmpadas a gás e posteriormente o acesso a energia elétrica, os cultos protestantes passaram a ser realizados também à noite. Essa alteração de horário se disseminou de tal forma, que muitas igrejas evangélicas em nossos dias não possuem mais reuniões diurnas, só noturnas.

Se não há luz natural para entrar por janelas ou rasgos no edifício, a solução é fazer uso da luz artificial. Muitas igrejas, principalmente as mais novas, têm recorrido ao uso de indiscriminado da iluminação colorida transformando seus espaços em verdadeiras casas de shows, com a intenção de dotar esses espaços de uma atmosfera especial no qual o fiel sinta plena liberdade para prestar sua adoração.

Esta não é a postura defendida pelo autor, por entender que a arquitetura sagrada é sim um espaço diferenciado e de qualidade. O uso excessivo de iluminação colorida leva para dentro do espaço sagrado a qualificação do espaço profano, tornando este um espaço profano por não se diferenciar do entorno.

A postura defendida pelo autor é a de que tudo que é demais enfada, inclusive o fato de muitas igrejas evangélicas serem excessivamente iluminadas.

Ao tratar o tema luz em seu livro *Pensar a arquitetura*, Peter Zumthor critica a intenção de tornar a noite em dia pelo uso da iluminação artificial, porém quando esta tem o objetivo de destacar algo ou criar um espaço diferente se tornam bonitas.

“Entre o pôr e o nascer do sol funcionamos com luzes que nós próprios produzimos e acendemos. Estas luzes não são comparáveis a luz do dia, são fracas e ofegantes demais com suas intensidades trêmulas e geram sombras que se alastram rapidamente. Mas quando não vejo estas luzes que produzimos, como um esforço de anular a noite, e tento pensá-las como luzes da noite, como acentuações da noite, como lugares íntimos de

luz na escuridão, criados pelo homem, então tornam-se bonitas, então podem desenvolver sua própria magia” (ZUNTHOR, 2009, p.93).

2.1.6. Algumas ponderações sobre o sagrado

O homem não vive sem o sagrado. Conforme já citado anteriormente, é da natureza humana buscar o sagrado e viver perto dele. Quando o sagrado se manifesta, torna o espaço diferente do seu entorno.

A busca pela arquitetura sagrada então é a busca por um espaço diferenciado. Este espaço é diferenciado porque possui qualidades especiais que remetem ou lembram o sagrado, não porque possui poderes especiais. Aqui cabe reforçar algo citado anteriormente: o espaço sagrado não é um espaço místico. A linha entre essas duas expressões é muito tênue. A diferença entre a água como símbolo e a água como matéria mística é que a primeira representa a purificação e a segunda é a que purifica. No Cristianismo a primeira é válida enquanto que a segunda não deve ser.

Com o objetivo de diferenciar o espaço sagrado do seu entorno, o homem materializa um edifício que contém símbolos. Esses símbolos, por mais que possam passar despercebidos ao observador comum, transmitem a este uma informação que o mesmo carrega dentro de si. É por isso que os símbolos são universais e encontrados nas mais diversas culturas e religiões.

Dentre os símbolos estudados, pode-se observar que o homem religioso se utilizou da água e do céu para dotar seus edifícios de qualidades espaciais destacando assim um espaço sagrado do entorno comum.

O tanque batismal, alguns contendo fontes artificiais outros pinturas de quedas d'água, simbolizam a purificação; as lâminas d'água que afastam os edifícios do seu entorno simbolizam a purificação desses bem como dotam tais espaços de qualidades propícias para a reflexão. A linha vertical presente nos obeliscos, nas torres das igrejas, nos vitrais, no pé-direito elevado dirigem o olhar para o céu, atitude que mostra ao fiel quão grande é a divindade adorada.

Infelizmente muitos símbolos ao longo do Cristianismo adquiriram qualidades místicas. Esse foi sem dúvida o mais importante fator que contribuiu para a sua negação durante e posteriormente a Reforma Protestante.

Por remeter a uma tradição a qual se queria superar, o protestantismo perdeu não só os símbolos, mas também “o jeito” de usá-los. O resultado pode ser encontrado em todos os lugares: templos evangélicos sem nenhuma qualidade que remeta a um espaço diferenciado – a arquitetura sagrada.

2.2. Rito

Para melhor entender a evolução da arquitetura religiosa não basta fazer uma exegese dos edifícios no decorrer da história, mas compreender como esse espaço servia de apoio à religião de uma determinada sociedade, entendendo que o rito sofreu alterações por uma série de influências externas.

“Cada edifício onde nos reunimos exige uma resposta de nossa parte. Por seu interior e exterior ele nos mostra explicitamente o que a igreja é e como funciona” (VIOLA, 2002, p. 62).

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), rito é 1.o conjunto das cerimônias que usualmente se pratica em uma religião, numa seita; liturgia; 2. religião, culto, seita; 9. série de procedimentos invariáveis na realização de determinada coisa; costume, hábito; 9.1 conjunto de formalidades que devem ser observadas para que um ato possa ser considerado válido ou para a execução de determinada diligência. Usa-se como sinônimo de rito o termo ritual.

Os principais ritos desenvolvidos pelos cristãos estão descritos na Bíblia Sagrada e são: culto cristão (cf. 1 Cor 14. 26 - este envolve vários ritos: adoração, oração, confissão de pecados, leitura e exposição da Palavra), batismo (cf. At 2.38), Santa Ceia (cf. 1 Cor 11.23-27), dedicação de crianças (Lc 2.27-32) e ordenação de ministros (cf. At 13. 1-3). Outros ritos incorporados ao cristianismo e praticados pelos protestantes são: casamento, ministério aos enfermos, culto fúnebre e dedicação do templo.

2.2.1. O culto cristão

Na Bíblia encontram-se vários termos que o define, ou quando traduzidos expressam o significado de culto. São eles:

- 'abida – esse termo hebraico significava trabalho, ritual e adoração. Encontrado no livro de Esdras, o termo se refere ao trabalho de reconstrução do templo em Jerusalém (Ed 4.24; 5.8; 6.7), as atividades dos sacerdotes e levitas que associadas ao ritual e a adoração (Ed 6.18) constituíam o serviço a Deus (Ex3.12; Dt 6.13).

- Latreia – Substantivo grego, usado para designar situações de um trabalho ou serviço assalariado, foi incorporado à prática cristã de cultuar, prestar um serviço a Deus, adorá-lo (Mt 4.10; Rm 12.1).

- Proskunein – Termo grego que utilizado no Antigo Testamento significava “curvar-se”, tanto para homenagear homens importantes e autoridades (Gn 27.29; I Sm 25.23), como para adorar a Deus (Gn 24.52; Sl 95.6). No Novo Testamento o termo denota exclusivamente a adoração que se dirige a Deus (At 10.15-26; Ap 19.10; 22.8-9).

- Leitourgia – Originária do grego significa serviço público (leitos=público, Ergon=trabalho). Desde a sua origem, o termo tem forte conotação com a prestação de serviço do súdito ao rei, passando com o tempo a designar o culto da igreja cristã e mais recentemente a forma pela qual o ato é conduzido.

Observando esses termos pode-se entender a natureza do culto cristão, bem como buscar em suas origens a sua essência.

Por ser o manual de vida do cristão, é na Bíblia que se encontram as origens do culto cristão, que por sua vez, por ser oriundo do judaísmo, evidenciam-se as referências básicas que nortearão as principais condutas dos fiéis.

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é Cristo” (Cl 2.16,17).

- **Fundamentação do culto no Antigo Testamento**

As primeiras narrativas bíblicas a cerca do culto mostram que ele ocorria em família. Adão e Eva tinham contato diário com Deus no cair da tarde no Édem (Gn 3.8). Os irmãos Caim e Abel trouxeram oferendas a Deus (Gn 4.3-5). Essa é a primeira citação bíblica na qual, na dimensão pessoal, aparece o que oferta (cultuante), o que recebe a oferta (cultuado) e a oferta (sacrifício). Esse episódio vai

nortear toda a adoração do Antigo Testamento, bem como servir de base para o culto no Novo Testamento: a aceitação do culto depende primeiramente daquilo que é percebido por Deus interiormente e exteriormente do indivíduo que lhe presta culto. Os descendentes de Sete (um dos filhos de Adão) invocavam “o nome do Senhor” (Gn 4.26). Noé construiu um altar após o dilúvio (Gn8.20). Abraão ergueu altares para oferecer holocaustos ao Senhor (Gn 12.7,8; 13.4,18).

Da vida pessoal o culto avança para a vida familiar (Ex 12.1-21), até tornar-se comunitária e nacional com a construção do Tabernáculo. Agora além da figura do que presta culto, o que é cultuado e do sacrifício, tem-se o espaço litúrgico bem como a figura mediadora do sacerdote. O culto formal é instituído contendo uma liturgia marcada por elementos simbólicos, no qual passam a ser oferecidos sacrifícios regulares e principalmente aos sábados. A rigidez cerimonial é marcante. Além dos sacrifícios, várias festas sagradas anuais de caráter comemorativo e pedagógico são instituídas como ocasião de culto público (Ex 23.14-17; Lv 1-7; Dt 12,16).

Posteriormente, com a fixação do povo de Israel na Terra Prometida e sob o reinado de Salomão, a construção de um templo, idealizado por seu pai Davi, torna-se uma realidade, sendo organizado um sistema de apoio composto por levitas, sacerdotes, cantores, porteiros e tesoureiros para que nada fosse prejudicado na prestação do culto (1Cr 23-26).

“Salomão parece ter tido em mente objetivos não apenas religiosos, mas também políticos, fazendo brilhar aos olhos das nações vizinhas a potência e a riqueza do Estado israelita. Construído no estilo das “capelas reais”, o Templo revelava, mesmo na disposição exterior, influências Cananéia e egípcias. Com a ornamentação exuberante de flores e animais, com seu mobiliário e seus objetos carregados de simbologia, deve ter chocado os israelitas, apegados às tradições de simplicidade do culto de Javé.” (ARAÚJO *apud* PIERUCCI,1973, p. 27).

Para Germano (2011) o sistema de culto no Antigo Testamento ao longo dos séculos tornou-se bastante organizado, complexo e formal. Esse formalismo foi afastando o povo de Deus, da sua Palavra e tornando o culto menos significativo, descaso esse que culminou com a própria destruição do templo (2 Rs 25.8-18).

Após a destruição do templo pelos babilônicos em 586 a.C, os judeus, então exilados, construíram as sinagogas como locais de ensino e adoração a Deus.

Essas sinagogas continuaram a ser usadas mesmo após a reconstrução do segundo templo por Zorobabel (Ed 3-6).

- **Fundamentação do culto no Novo Testamento**

No Novo Testamento não é encontrado nenhum manual litúrgico ou um tratado sistemático sobre o culto cristão. No entanto, pode-se perceber que recebeu forte influência da sinagoga judaica, assimilando muitos de seus elementos para posteriormente estabelecer uma característica própria. Nos tempos do Novo Testamento, as sinagogas estavam tanto na Palestina como por toda a parte do mundo romano (Lc 4.16; Jo 6.9; 13.14; 14.1).

A adoração da igreja primitiva era prestada tanto no templo de Jerusalém quanto em casas particulares (At 2.46,47). Fora de Jerusalém, os cristãos primitivos prestavam cultos a Deus nas sinagogas, enquanto lhes foi permitido. Com o advento da proibição de uso das sinagogas, os cristãos primitivos passaram a utilizar frequentemente às casas particulares (At 18.7; Rm 16.5), mas algumas vezes se usavam salões públicos (At 19. 9-10), às margens de rios (At 16.12-15) e em prisões (At 16.25).

Apesar de não possuir um manual ou tratado litúrgico do culto cristão, três passagens relevantes do Novo Testamento apontam para a sua essência:

- Mt 8.20: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Este texto destaca o livre acesso e a generosidade do Senhor Jesus, que é encontrado por aqueles que o buscam onde e quando quiser, além dessa comunidade reunida em seu nome ser sinal por excelência da presença de Deus entre os fiéis que o cultuam.

- 1 Co 11.24 e 25: “e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”. A reprodução das palavras ditas por Jesus ao instituir o rito da Ceia, demonstra mais um aspecto da fundamentação bíblica do culto cristão: o encontro de Deus com a comunidade.

- At 2.42-47: Neste texto Lucas descreve a vida da igreja de Jerusalém, destacando que o ato da prestação do culto era frequente: “Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração [...]” (v. 46).

2.2.2. Desenvolvimento do culto cristão e seu rebatimento espacial

Ao longo desses 20 séculos o culto cristão sofreu alterações profundas em seu desdobramento, resultando numa alteração significativa no espaço de culto. Visto que o edifício da igreja é resultado do uso dado por meio da liturgia, este breve capítulo tem por objetivo situar o leitor dentro da evolução do culto, rebatendo este na reprodução tipológica do espaço religioso, portanto não haverá muitos historicismos, pois se entende que será pouco proveitoso para a elaboração das diretrizes projetuais de um templo evangélico.

- **Da casa à basílica**

Nessas refeições das quais os cristãos participavam celebrava-se a comunhão. Germano (*apud* Gonzalez, 1980) relata que só é possível saber como os antigos cristãos celebravam a comunhão através de uma série de documentos antigos preservados até hoje. Essas refeições eram a partir da junção dos alimentos que cada um trazia. Após compartilharem os alimentos, eles oravam pelo pão e pelo vinho. Por motivo da perseguição religiosa, a comunhão passou a ser celebrada sem a refeição em comum.

“É ainda por esse tempo, que o culto de comunhão constava de duas partes. Na primeira liam-se e comentavam-se as Escrituras (culto homilético), faziam-se orações e cantavam-se hinos. A segunda parte do culto começava geralmente com o ósculo (beijo de cumprimento) santos da paz. O pão e o vinho eram trazidos para frente e eram apresentados a quem presidia. Em seguida, era pronunciada pelo presidente uma oração sobre o pão e o vinho, na qual se recordavam os atos salvíficos de Deus e se invocava a ação do Espírito Santo sobre o pão o vinho. Depois se partia o pão, os presentes comungavam, e se despediam com a benção. A esses elementos comuns, em diversos lugares e circunstância, acrescentavam-se outros. Nesta época, só podia participar do culto quem tivesse sido batizado. Os que vinham de outras congregações podiam participar livremente, sempre e quando estivessem batizados. Aos convertidos que ainda não tinha recebido o batismo, era concedido assistir à primeira parte do culto, que consistia das pregações e orações. Após esse momento, se retiravam antes da celebração da comunhão propriamente dita” (GERMANO, 2011)

Conforme as igrejas iam aumentando em número, as casas foram sendo adaptadas. Um exemplo deste espaço é a casa de Dura Europos, na atual Síria. Esta casa datada de aproximadamente 230 d.C abrigava uma das igrejas domésticas.

Segundo Viola (2002), nessa casa essencialmente havia se retirado a parede entre dois quartos para criar uma grande sala que comportava aproximadamente 70 pessoas.

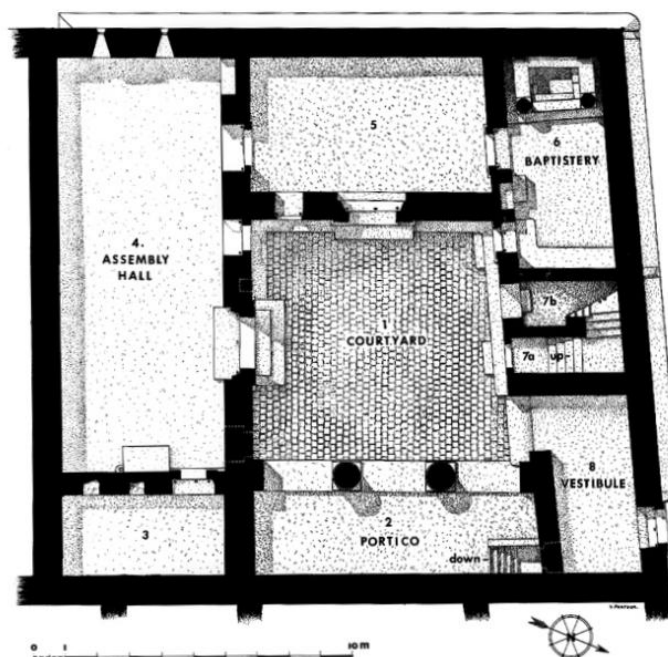


Figura 15 - Planta da casa cristã de Dura Europos, Síria. Fonte: <http://artgallery.yale.edu/duraeuropos/dura.html>

Os cristãos tomaram por costume celebrar a comunhão nas catacumbas junto aos túmulos dos mártires da igreja. É fato que em alguns períodos da perseguição romana, estas catacumbas foram usadas como esconderijo, mas o fato da comunhão ser celebrada ali se relacionava ao fato dos cristãos acreditarem que ela ligava os cristãos vivos e os mortos entre si, tanto quanto a Jesus. O costume de reunir para a comunhão no dia natalício dos mártires levou mais tarde a celebração das festas dos santos, que poderiam também ser no dia do seu martírio.

Com o uso das catacumbas para participar da comunhão por volta do século II, os fiéis começaram a decorá-las com símbolos cristãos, dentre eles o peixe. Segundo Viola (2002) a imagem da crucificação de Jesus só vai ser adotada pelos cristãos depois do século V com Constantino.



Figura 16 - Pintura encontrada nas catacumbas, Roma. Fonte: http://usuaris.tinet.cat/fqi_sp04/euc_peixos_sp.htm

O fato que vem alterar drasticamente o cenário desta sociedade é a conversão de Constantino ao Cristianismo. O culto cristão era até esse momento bastante singelo e realizava-se inicialmente nas sinagogas, depois nas casas, passando as catacumbas.

Com a liberdade religiosa concedida por meio do Édito de Milão, o culto cristão carecia de um aparato mais complexo e de uma desenvoltura mais impactante, pois necessitava atender ao agrado do imperador. O uso do incenso (elemento usado no culto ao imperador), as vestimentas oficiais ricamente adornadas (remetendo aos oficiais da corte), bem como a entrada dos sacerdotes em procissão (procissão do imperador), foram elementos que começaram a desvirtuar a essência do culto cristão.

Nos locais em que era celebrada a comunhão, junto da tumba dos mártires, foram edificadas igrejas e logo os cristãos passaram a pensar que o culto só tinha significado nesses locais pela presença dos mártires, criando a ideia que era sagrado pela presença destes. Os mártires passaram a ser desenterrados e seus ossos expostos como relíquias. A atribuição de poderes miraculosos a estes levaram a adoração e veneração dos santos.

Dentre as muitas igrejas construídas por sobre sepulcros destacam-se as igrejas de São Pedro (sobre o Monte do Vaticano), São Paulo (fora dos muros de Roma), do Santo Sepulcro (em Jerusalém) e da Natividade (em Belém).

Essas igrejas foram erguidas utilizando-se o mesmo modelo dos tribunais dos imperadores romanos – a basílica – sendo projetadas como um auditório linear em uma única nave, com um ponto focal bem delimitado na abside. A fachada do

edifício ficava sempre para o Leste de modo a propiciar que a luz do sol banhasse o orador. Outro motivo para a disposição do acesso principal a Leste era o seu simbolismo – o local do nascer do dia, da ressurreição – e o altar no oposto desse eixo, o poente – prelúdio das trevas. Neste espaço os cristãos assistem passivamente a celebração.

No seu interior, possuíam uma plataforma elevada com vários degraus onde eram feitas as ministrações. No centro do edifício uma mesa – o altar – onde ficavam as relíquias e a Eucaristia. Na frente do altar estava posicionada no centro a cadeira do bispo e nas laterais desta, cadeiras reservadas para os anciãos formando um semicírculo. Desta situação originou-se mais tarde o termo catedral – aquela que contém a cadeira do bispo.

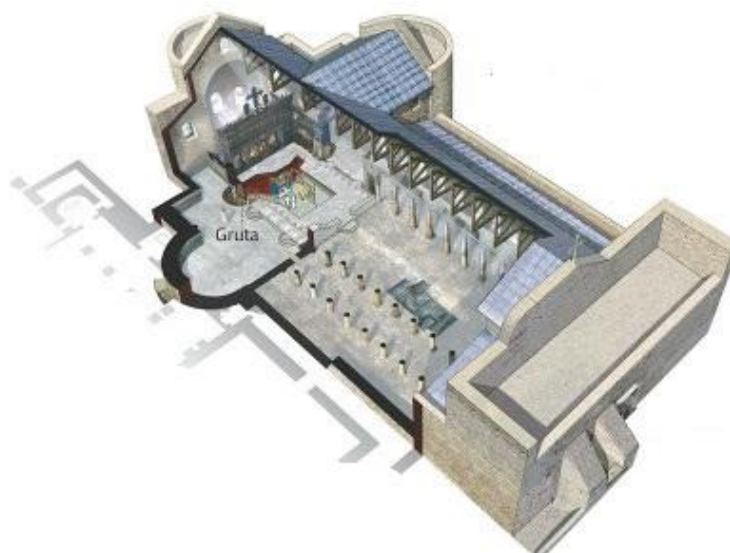


Figura 17 - Corte esquemático da Basílica da Natividade. Fonte: Julián de Velasco.

Segundo Viola (2002) é neste momento de mudança entre o culto na casa e o culto na basílica que são adicionados os cantores profissionais e os músicos, necessitando a arquitetura responder a mais uma necessidade – a acústica.

A construção de suntuosas igrejas por Constantino e seus sucessores em nada tinham a ver com a simplicidade dos primeiros espaços litúrgicos.

- **O culto cristão na tradição católica**

As mudanças ocorridas com a conversão de Constantino geraram não somente alterações na espacialidade do recinto litúrgico, mas como foi visto,

alteraram também o culto. De acordo com Germano (2011) “(...) É exatamente neste período que se desenvolve a missa com todo o seu ritual e elementos litúrgicos, que enfatizaram a estética e a pompa dos cultos, não sendo suficientemente capazes de manterem a verdadeira espiritualidade da adoração a Deus.”

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), o termo “missa” é relativo à Igreja Católica, celebração da Eucaristia (sacrifício do corpo e do sangue de Jesus Cristo) feita no altar pelo ministério de um sacerdote.

Germano (*apud* Champlin,1991) afirma que “existe uma incerteza quanto a origem do nome, mas os eruditos supõem que vem das palavras latinas, “Ite, missa est”, “Ide, estais despedidos”, que o diácono pronuncia no fim da cerimônia”.

Para Viola (*apud* Durant,1950) a Missa Católica foi “baseada em parte no culto do Templo Judaico, e em parte nos místicos rituais de purificação dos gregos, o sacrifício substituto, e a participação...”.

“Com efeito, a Missa Católica que se desenvolveu do século IV até o século VI foi essencialmente pagã. Os cristãos copiaram as vestimentas dos sacerdotes pagãos, o uso do incenso e da água benta nos ritos de purificação, a queima de velas durante a adoração, a arquitetura da basílica romana em seus edifícios de igreja, a lei romana como base da “lei canônica”, o título Pontifex Máximus (Sumo Pontífice) para o Bispo principal, e os rituais pagãos para a Missa Católica” (VIOLA, 2002, p. 15).

O misticismo tomou conta do culto católico. Segundo Viola (2002, p. 49) durante o século IV o cálice e o vinho eram vistos como “geradores... de assombro, pavor”, ao ponto que muitas igrejas terem passado a separar a mesa do altar com grades para que pessoas comuns não tocassem no “santo”.

Por serem muitas igrejas centros de peregrinação, foram desenvolvidos corredores ao redor da abside e da cripta dos mártires – os deambulatórios – pelos quais passavam os peregrinos. Essa configuração pode ser encontrada nas igrejas bizantinas e românicas.

As igrejas passaram a ser construídas cada vez em maior escala e o uso da nave única evoluiu para várias naves. Nas igrejas românicas elas continuaram a ser lineares com tetos abobadados, enquanto que nas igrejas bizantinas as naves foram dispostas em planta centralizada, utilizando a cúpula como elemento que propiciava grandes espaços. A luz que entrava por pequenas aberturas e atravessava o espaço

impregnado pela fumaça das velas e dos incensos, criava a percepção de que o espaço estava sendo iluminado pelo divino.

A arquitetura cristã medieval atingiu seu ápice com a construção da catedral gótica. A escala monumental pelo uso do pé-direito imenso – resultado do emprego estrutural do arco ogival e dos arcobotantes – aliado ao emprego dos vitrais coloridos propiciava ao usuário do espaço uma elevação tamanha, remetendo a insignificância deste à superioridade de Deus. O centro do culto era o altar, e para lá se direcionavam os olhares induzido pela linearidade do espaço.

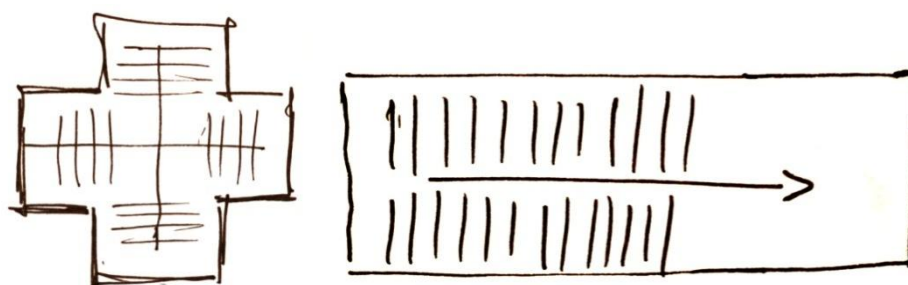


Figura 18 - Croqui das igrejas de planta centrada e linear. Fonte: do autor.

Em termos acústicos, a maior quantidade de ar aliada às formas abobadadas e as cúpulas dos edifícios proporcionou a elaboração de um estilo musical reverberante. Segundo Rasmussen (1986, p. 225), a própria missa em latim possui certa frequência necessária para o claro entendimento nestes espaços.

• O culto cristão na Reforma Protestante

A Reforma Protestante pode ser encarada como uma mudança na doutrina, no modo de vida e na prestação do culto. Os reformadores, insatisfeitos com a situação na qual a igreja se encontrava, buscaram corrigir esses erros doutrinários, reformando a igreja. Segundo o próprio Lutero, nunca foi seu objetivo dividir a igrejas, mas “colocá-la nos trilhos” novamente.

"Nunca foi nossa intenção eliminar completamente o culto litúrgico a Deus, mas purificar o que já está em uso dos vínculos que o corrompem..." (VIOLA *apud* Luther's Works, p.18)

Com a instituição da missa pela igreja católica o rito da comunhão, que anteriormente era um símbolo, passou a ser considerado como o próprio sacrifício de Jesus Cristo.

“Tudo é direcionado para o momento mágico quando o sacerdote parte o pão e o distribui para as pessoas. Da perspectiva da mente católica Medieval, oferecer a Eucaristia era Jesus Cristo se sacrificando novamente. Desde Gregório o Grande (540-604) a igreja católica ensinava que Jesus Cristo é novamente sacrificado através da Missa” (VIOLA, 2002, p.16).

Lutero opunha-se de forma veemente contra a missa, pois esta ia contra os princípios fundamentais do culto cristão. Em 1517 ele prega as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, as quais versavam principalmente sobre penitência, indulgências e a salvação pela fé. Em 1523 no seu sermão “*Sobre a Autoridade Secular*”, Lutero faz uma revisão da igreja católica, substituindo o centro do culto da Eucaristia para a pregação da Palavra. Essa revisão passa a ser o fundamento básico que nortearia a adoração protestante.

O púlpito da palavra passa a ser o centro da reunião e não mais a mesa do altar, na qual era colocada a Eucaristia. Para Lutero não há outra forma das pessoas compreenderem e colocarem em prática a Palavra se não ensinadas, com isso, procura resgatar o elemento cristão da liturgia católica. A pregação como ponto culminante do culto permanece até os dias de hoje.

“Uma congregação cristã nunca deve reunir-se sem a pregação da Palavra de Deus e a oração, não importa quão exíguo seja o tempo da reunião. A pregação e o ensino da Palavra de Deus é a parte mais importante do culto divino” (VIOLA *apud* Luther's Works, p.17).

Segundo Viola (2002) as principais mudanças introduzidas por Lutero foram a realização da missa na linguagem do povo (entenda-se aqui a missa nos novos moldes), o sermão como ponto central da reunião, introdução da música na congregação (agora todos podiam cantar), a supressão da ideia que a Missa era o sacrifício de Cristo, bem como permissão para que o povo participasse novamente do pão e do vinho. No mais, Lutero manteve a mesma liturgia de culto da Igreja Católica, estabelecendo a seguinte ordem no culto: música, oração, sermão, anúncios à congregação, Santa Ceia, música, oração depois da Comunhão e a despedida. Essa sequência de atos em nada alterou a espacialidade dos templos, exceto a posição de onde era dirigido o culto. Inicialmente, a principal alteração espacial reflexo desse novo modelo de culto foi a retirada da mesa do altar e em seu lugar foi colocado o púlpito, lugar de onde se pregavam os sermões.

O reformador suíço Ulrico Zwinglio (1484-1531), além de enfatizar o sermão como elemento central do culto, substituiu a mesa do altar pela mesa da comunhão, na qual era ministrado o pão e o vinho, e introduziu o costume de levar o pão e o vinho aos fiéis em bandejas e taças. Para contrariar os antigos costumes, recomendou que a Ceia fosse celebrada quatro vezes ao ano, diferente da Missa católica que celebrava semanalmente. Segundo Viola (2002) Zwinglio é o paladino da abordagem da Santa Ceia enquanto "memorial". Para ele o pão e o vinho são meramente símbolos do corpo e do sangue de Cristo.

Os reformadores João Calvino da Alemanha (1509-1564), João Knox da Escócia (1513-1572), e Martin Bucer da Suíça (1491-1551) basearam suas liturgias na de Lutero, inserindo pequenas modificações. A mais importante delas é a coleta de ofertas aos pobres após o sermão.

“Nenhuma assembleia da igreja deve ser convocada sem que se pregue a Palavra, sem que se ofereçam orações, sem que se ministre a Ceia do Senhor, e a oferta aos pobres” (VIOLA *apud*. CALVINO, p.19).

Ao explicar a influência de Calvino na evolução do culto cristão, Viola (2002) menciona que por não haver relatos de instrumentos no Novo Testamento, Calvino eliminou o órgão e os coros. Todos os cânticos eram entoados sem instrumentos, característica seguida por protestantes modernos como a Igreja de Cristo. Outro ponto importante levantado por ele refere-se ao fato do gênio teológico de Calvino influenciar o caráter intelectual das igrejas que seguiram sua doutrina, como se pode perceber nas igrejas Reformada e Presbiteriana.

Com relação à postura de culto, é atribuído a Calvino o ensino da atitude sombria que a congregação deveria possuir ao entrar no salão. Para Viola (2002, p.20) “... Essa atmosfera carrega consigo um sentimento de autodegradação diante de um Deus soberano e austero”.

A liturgia calvinista espalhou-se pela Europa e foi adotada pela maioria das igrejas protestantes, ficando assim estabelecida: oração, anúncios, música (salmos), oração (pedindo ao Espírito Santo para abençoar a pregação), sermão, coleta das ofertas, oração, comunhão (em dias específicos), cântico de salmos enquanto se participa da comunhão e a benção final (despedida).

Os calvinistas da Inglaterra receberam a denominação de Puritanos. Esse título deve-se ao fato deles adotarem um rigoroso estilo bíblico e uma estrita liturgia do Novo Testamento. Segundo Viola (2002), as contribuições mais positivas deixadas pelos Puritanos foi o abandono das vestes clericais, dos ídolos, ornamentos, a oração espontânea, os sermões autorais (em vez da leitura da homilia – seu apogeu ocorreu com os Puritanos Americanos) e em algumas igrejas, no final do culto, era aberta a palavra aos leigos para fazer perguntas ao pastor (essa tradição se perdeu com o advento do Evangelismo Fronteiriço). Apesar disso, sua liturgia de culto pouco diferenciava das anteriores, consistindo em chamado à oração, oração de abertura, leitura bíblica, cântico de Salmos, oração, sermão, oração e em ocasiões nas quais era ministrada a comunhão havia uma exortação, benção do pão e do vinho, distribuição à congregação e benção de despedida.

Algumas denominações puritanas, como a Igreja Livre, instituíram a sequência hinos, leitura bíblica e música coral, tradição esta observada na maioria das denominações contemporâneas.

O rebatimento espacial era necessário para a nova liturgia centrada no púlpito. Os antigos templos católicos reverberantes precisavam de clareza para servir a palavra, sendo adaptados com o acréscimo de tratamentos acústicos para a absorção das ondas sonoras.

Um bom exemplo disso é a igreja de S. Tomás, em Leipzig, onde Johann Sebastian Bach foi organista. Segundo Rasmussem (1986, p. 226), este edifício gótico composto por três naves, com abóbadas abatidas, teve uma mudança significativa na sua reverberação passando de 6 a 8 segundos para 2 ½ segundos após a alteração dos seus revestimentos. A mudança foi resultado da adição de vastas áreas de painéis de madeira ressoante sobre a pedra nua, bem como galerias de madeira e camarotes privados nas paredes laterais.

“A inclusão de tantos camarotes e galerias era devido ao sistema luterano de administração eclesiástica que colocava a igreja sob a direção do conselho municipal. Cada vereador tinha seu próprio camarote familiar, tal como poderia ter na ópera” (RASMUSSEN, 1986, p. 226).

Após a Reforma um novo estilo de edifício religioso se popularizou. Segundo Rasmussem (1986), por volta do século XVIII só em Copenhague, na Dinamarca,

quatro edifícios foram construídos nesse novo modelo. Essas igrejas eram projetadas quase como um teatro de camarotes em formato de ferradura.

Projetado por Nicolai Eigtved em 1754, o edifício para a igreja de Christianshavn possuía galeria em suas três laterais. Diferente da igreja tradicional, onde os fiéis ficavam sentados em uma nave penumbrosa assistindo a cerimônia, que era celebrada no altar distante e místico, essa nova configuração colocava os fiéis em um espaço plenamente iluminado, sentados confortavelmente próximos ao púlpito, participando assim dos cultos relativos à sua fé.

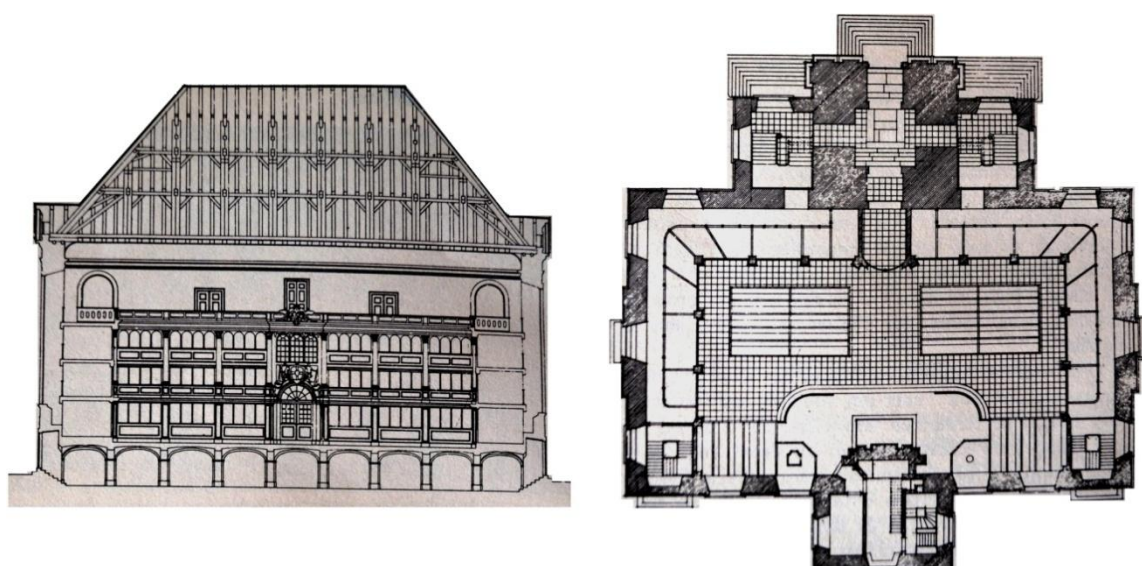


Figura 19 - Corte e planta da Igreja de Christian, Dinamarca. Fonte: RASMUSSEM, 1986.

- **O culto cristão – contribuição Metodista e do Evangelismo Fronteiriço**

Antecessores dos pentecostais, os metodistas do século XVIII conclamavam os fiéis a cantar com força, vigor e fervor, proporcionando uma dimensão emocional ao culto. Foram os metodistas que, usando a invenção da lâmpada a gás, popularizaram as reuniões dominicais noturnas tão comuns em nossos dias.

Durante os séculos XVIII e XIX, novidades alteraram a forma de adoração das igrejas protestantes americanas. O chamado Revivalismo Fronteiriço com seus cultos populares alteraram a meta da pregação da Palavra, passando a ter com objetivo exclusivo a salvação das almas. Segundo Viola (2002, p. 23), “... dentro da cabeça do evangelista, não havia outra coisa no plano de Deus a não ser a salvação”.

Esta mudança de pensamento foi sem dúvida a que possibilitou uma série de alterações no estilo da liturgia do culto: a música ganhou um caráter emocional para atingir a alma, possibilitando ao ouvinte uma resposta positiva a mensagem da salvação; a introdução do “apelo” pelos metodistas e revivalistas fronteiriços – momento após o sermão no qual o pecador é convidado a se levantar do banco e ir à frente do altar (entenda-se aqui altar no sentido de lugar de onde é proferido o sermão) para aceitar Jesus e finalmente a execução de um hino antes do apelo.

Ao tecer seus comentários sobre a influência do Revivalismo Fronteiriço no culto cristão, Viola (2002) enfatiza que o culto deixou de basear-se na adoração coletiva e passou a ter base na fé e no culto individual.

“Como resultado, a meta da Igreja Primitiva — a edificação mútua e o funcionamento de cada membro manifestando Jesus Cristo coletivamente diante dos principados e potestades — perdeu-se completamente. Ironicamente, João Wesley, um dos primeiros revivalistas, compreendeu os perigos do movimento revivalista. Ele escreveu que “o cristianismo é essencialmente uma religião social [...] transformá-lo em uma religião solitária é certamente sua destruição” (VIOLA, 2002, p.26).

Este estilo de culto influenciou a espacialidade das igrejas. Como muitos cultos eram realizados ao ar livre para grandes multidões e necessitavam de visualização à distância, a configuração do altar dentro das igrejas passou ser encarada como um palco onde estava a figura do pregador e eventualmente o coro. Nesta configuração o altar-palco era cercado.

- **O culto cristão – contribuição Pentecostal**

Por volta de 1906 surge o movimento pentecostal. Sua maior contribuição para a evolução do culto cristão foi à busca por uma maior liberdade de expressão do louvor e da adoração. Com a introdução no culto da figura do cantor solo pelos pentecostais, inicialmente no momento da oferta, essa figura foi ganhando mais espaço, chegando ao ponto que, em algumas denominações, quase não há mais louvores congregacionais ou, quando esses ainda existem, há pouca participação da congregação.

O culto pentecostal caracteriza-se por livre manifestação dos dons espirituais e das expressões emocionais espontâneas, sonoras e visíveis da comunidade. Essas manifestações não são dogmatizadas, pois não há como regular

a ação do Espírito Santo na Igreja (entenda-se aqui Igreja enquanto organismo vivo, não como organização eclesiástica). Suprimindo essas manifestações, o culto pentecostal possui os mesmos elementos essenciais da liturgia protestante, no entanto suas reuniões de culto diferem umas das outras dependendo da finalidade das mesmas (culto de oração, doutrina, ação de graças, evangelístico, santa ceia, ordenação de obreiros, batismo, etc.).

Em síntese o culto pentecostal inicia com uma oração, cânticos congregacionais, leitura bíblica, cânticos de hinos por grupos, conjuntos musicais, corais e solistas, recolhimento dos dízimos e ofertas, pregação da Palavra (geralmente seguido de apelo), agradecimentos e avisos, oração final e benção apostólica.

Não há uniformidade muito menos obrigatoriedade nesta sequência, nem entre denominações pentecostais diferentes, nem entre as diferentes reuniões realizadas pela mesma denominação, ficando a reunião sob a direção do Espírito Santo.

Uma característica protestante muito explorada pelos pentecostais é utilizar a música como um elemento catalisador. Os diversos segmentos sociais ou etários de uma igreja geralmente se utilizam da formação de um grupo musical como forma de marcar sua unidade. Um culto pentecostal dependendo do costume local pode ter um desses grupos, conjuntos ou corais que faça o louvor – ficando assim os diversos grupos escalados cada qual para um culto – ou os vários grupos musicais cantando no mesmo culto um após o outro. Essa característica litúrgica pentecostal influencia na espacialidade do templo uma vez que se apenas um grupo canta por culto o espaço que esse grupo ocupa pode ser delimitado e mais fixo enquanto que se diversos grupos cantam no mesmo culto o espaço precisa proporcionar uma flexibilidade quase que instantânea para que a liturgia do culto não sofra com as necessidades de alterações no espaço, além de características acústicas que atenda a essa flexibilidade de uso.

Outra característica muito importante ao se estudar o culto pentecostal é a ênfase que os pentecostais dão ao ato da congregação ir à frente do altar em resposta ao apelo de salvação ou outro convite seja para receber oração por cura, batismo no Espírito Santo, levar a oferta e os dízimos, entre outros. Tal costume

gera a necessidade de um espaço em frente ao púlpito para acomodar tais acontecimentos, utilizando-se cerca de 10% do espaço destinado a nave.

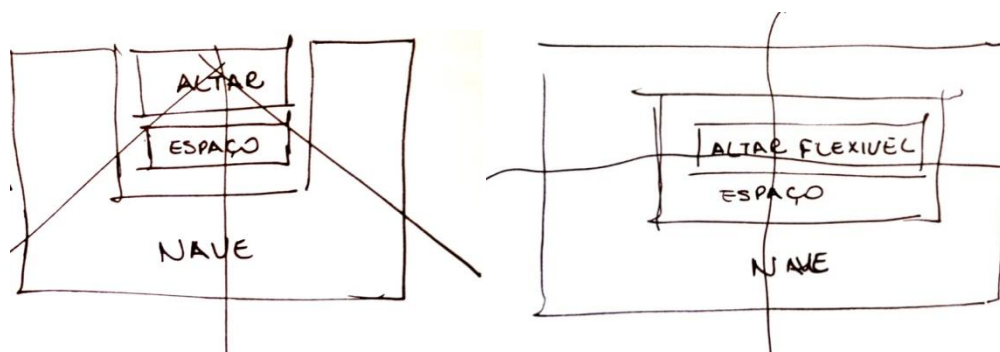


Figura 20 - Croqui de possíveis organizações do espaço de culto. Fonte: do autor.

Espacialmente o templo pentecostal não difere muito daqueles da época do Revivalismo, no entanto o que pode ser percebido é que nas últimas décadas a estrutura que cerca o altar tem sido removida. Em muitos templos pentecostais tradicionais, só quem se assenta no altar é o corpo de obreiros da igreja, resquícios da velha tradição católica. Em outras igrejas pentecostais mais abertas, esse espaço é bastante flexível, podendo, de acordo com a necessidade e liturgia de determinado culto, ter sua configuração e uso alterado.

A igreja Evangélica Assembleia de Deus na Vila Santa Rosa – que será usada teoricamente como cliente do templo evangélico a ser projetado – participa desta segunda linha. Atualmente seu altar serve tanto para o corpo de obreiros, quanto para apresentações de cantatas, teatros, e apresentações musicais diversas. Assim sendo, pode-se dizer que, para se ter sucesso no projeto do novo templo, deverá ser levado em consideração os aspectos relativos à flexibilidade, boa visualização e acústica.

2.2.3. A santa ceia

Não será aqui repetido como se realiza o rito da santa ceia, uma vez que ele já foi descrito anteriormente na evolução do culto cristão. O que se faz importante apresentar neste momento é a necessidade espacial gerada por esse rito.

O pão não pode ser cortado com faca, ele deve ser partido com as mãos, uma referência ao corpo de Cristo, partido na cruz pelos pecados da humanidade. O pão em geral é um, que é partido em pequenos pedaços para todos os membros da

congregação. Quem parte o pão é em geral o corpo de obreiros designado para tal ato. Por questões higiênicas, devem-se lavar as mãos, uma vez que toda a comunidade participará deste alimento. Portanto se faz necessário que, próximo ao altar, tenha uma instalação sanitária ou um pia na qual os celebrantes da ceia possam higienizar as mãos e então proceder ao ritual da ceia.

2.2.4. O batismo

Presente em muitas religiões pré-cristãs, o batismo é um rito de passagem no qual o batizado assume publicamente sua nova posição perante uma sociedade.

“O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de “um novo nascimento”; por outro, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida” (ELIADE, 2001, p.110).

Segundo Gomes (2009), o termo batismo, de origem grega “βαπτισμω”, pode ser traduzido por batizar, imergir, banhar, lavar, cobrir.

Este rito cristão tem sua origem no judaísmo com o batismo do “prosélito”. O prosélito era qualquer estrangeiro que quisesse fazer parte do povo de Israel e para ser aceito necessitava passar por três rituais: a circuncisão, o batismo e o sacrifício. Segundo antigos escritos rabínicos, o batismo era um banho de purificação assistido por no mínimo duas testemunhas judaicas (rabinos). Após esses rituais o prosélito era considerado membro do povo de Deus.

Instituído por João Batista (que batizava judeus e não judeus antes mesmo da instituição do cristianismo), o batismo cristão representa a morte do velho homem e o nascimento de uma nova criatura em Cristo.

Para a maioria das denominações cristãs protestantes, o batismo é por imersão, ou seja, o corpo é submergido por inteiro dentro da água e apenas de pessoas apenas de pessoas adultas ou adolescentes que já tenham consciência do ato. Por se tratar de um rito que simbolicamente representa a tomada de uma decisão de seguir uma nova fé, o batismo é uma cerimônia pública da qual participa toda a congregação. Este rito pode realizar-se em espaços abertos – piscina, rio, mar – ou em espaços fechados geralmente dentro do templo – tanque batismal.

O rito do batismo inicialmente era realizado em espaços abertos - rio, lago ou mar – sendo utilizadas as margens destes cursos d’água como local onde os

demaís membros da igreja visualizavam o ato de fé dos novos convertidos. Com a construção de templos em locais onde não há disponibilidade de tal recurso ou onde as águas são impróprias para o banho, surgiu um elemento que substituiu o rio - o tanque batismal. De igual modo por necessitar de boa visualização, o tanque batismal foi inserido na arquitetura dos templos geralmente disposto elevado atrás do púlpito ou no piso do púlpito. Importante ressaltar aqui que o tanque batismal não tem a mesma conotação ritualística que na igreja católica, pois isso não se situa na entrada do templo ou em posição contrária ao altar (VIOLA, 2002).



Figura 21 - Tanque elevado no lado direito da imagem, no templo da Assembleia de Deus do Belenzinho, São Paulo.

Fonte: http://confradesp.blogspot.com.br/2010_11_01_archive.html

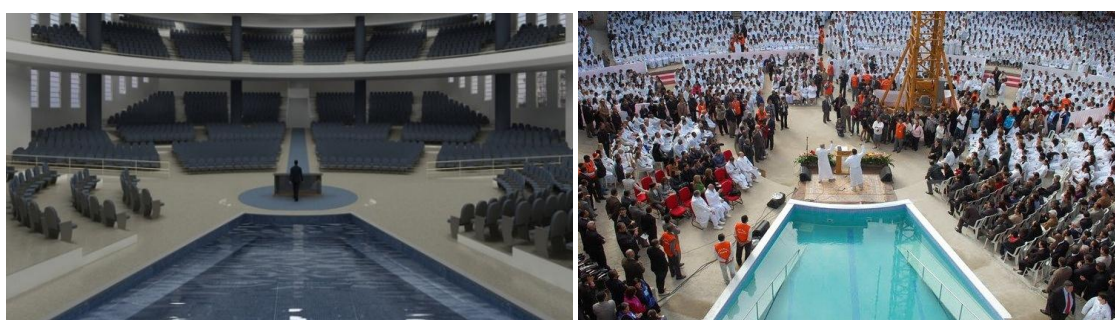


Figura 22 - Perspectiva do tanque batismal no piso do novo templo da Assembleia de Deus do Belenzinho, São Paulo - e seu uso por ocasião das festividades do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil. Fonte: <http://caadep.blogspot.com.br> e <http://mulheresadbguarulhos.blogspot.com.br>

O ritual em geral é realizado da seguinte forma: o iniciado entra nas águas, coloca as mãos sobre o peito e responde algumas perguntas com relação a sua nova responsabilidade, feitas por quem o irá batizar. Após resposta afirmativa, o que procede o batismo fala: “segundo a tua confissão de fé, eu te batizo em nome do

Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28.18) e deita o batizando sob as águas completamente, ajudando este a emergir.

Como apoio a celebração deste rito, se faz necessário que haja nas dependências do templo um espaço para que os iniciados possam trocar suas roupas antes e após o batismo e que este esteja de certa forma conectado ao tanque batismal. É importante que, de alguma forma, essa conexão com o tanque se faça de modo a proporcionar segurança ao batizado, evitando assim que este ou outros que passarem pelo local molhado escorreguem e se machuquem.

Outro ponto relevante a ser mencionado é o volume de pessoas que é batizada no tanque. Se for um tanque de pequenas proporções, onde apenas uma pessoa é batizada por vez, um acesso é suficiente. Se forem batizadas duas ou mais pessoas ao mesmo tempo é importante que tenha que o tanque tenha uma entrada e uma saída facilitando assim o fluxo no ato do batismo. A dimensão do tanque batismal tende a ser proporcional ao número histórico de batizados por batismo, sendo que em igrejas maiores, é razoável que o tanque batismal seja maior que em uma igreja de pequeno porte.

Na maioria dos casos das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, devido ao seu sistema administrativo centralizado no templo central, o batismo é realizado nos templos centrais ou sedes (como são chamados) e não nas congregações, portanto pode-se deduzir que o fluxo de batizados nessas igrejas é maior que em outras igrejas evangélicas locais que possuem administração independente.

2.2.5. Dedicção de crianças

Esse ritual cristão também tem suas origens no judaísmo (cf. Lv 12.6) e foi observado por José e Maria quando do nascimento de Jesus (cf. Lc2. 22). Pode ser descrito como um ato no qual o recém-nascido ou crianças maiores são levados ao templo para serem dedicados a Deus. Em sua totalidade, salvo casos os quais o autor não tem conhecimento, o rito de apresentação dá-se nos cultos normais da igreja, em especial aos domingos. Em muitos casos, quando se trata de recém-nascido, a apresentação realiza-se na primeira vez que este é levado ao templo. O ato constitui-se essencialmente assim: o ministro, informado que naquela reunião deverá proceder a uma apresentação infantil, convida os pais a levarem a criança

até o altar, acompanhado dos familiares presentes, em especial os avós. O ministro exorta os pais a criarem a criança segundo a doutrina da igreja e os questiona perante a congregação sobre a aceitação desta responsabilidade. Após resposta afirmativa o ministro toma o recém-nascido nos braços ou coloca a mão sobre a criança (cf. Marcos 10.13-16), fazendo em seguida uma oração, na qual ele a abençoa e pede que Deus ajude os pais na tarefa de educar e criar aquela criança.

2.2.6. Ordenação de ministros

O rito de ordenação de ministros não tem uma liturgia restrita e varia de acordo com os costumes de cada igreja. Mesmo dentro do segmento pentecostal da mesma denominação não é unanimidade, podendo realizar-se como uma cerimônia independente ou dentro da liturgia de um culto.

Essencialmente pode ser descrita como um ato no qual os candidatos ao ministério colocam-se a frente do altar e o ministro faz uma exortação relacionada à sua nova função. Após os candidatos fazem um juramento ou respondem afirmativamente a perguntas do ministro e ajoelham-se. O ministro e os demais membros do corpo de ministros impõem as mãos sobre cada um e oram, consagrando estes ao ministério eclesiástico (cf. At 13.1-3).

2.2.7. Demais ritos

- Casamento – um rito de passagem no qual o indivíduo passa de um grupo social para outro. Segundo Eliade (2001, p. 150) “o recém-casado abandona o grupo dos celibatários para participar, então, do grupo dos chefes de família”. Em geral a maioria das denominações protestantes segue o casamento religioso tradicional com exceção da Congregação Cristã no Brasil que não possui casamento religioso.

O rito do casamento tradicional como é conhecido consiste da entrada dos padrinhos, entrada do noivo com a mãe, entrada dos pajens e da florista, entrada da noiva com o pai. O noivo vai ao encontro da noiva que é entregue pelo pai. Em seguida vão até o púlpito onde o ministro os espera para a celebração. Após o sermão, no qual o ministro exorta os noivos acerca do matrimônio, há os votos de fidelidade e a troca das alianças seguida de uma oração e benção dos noivos. Em

algumas cerimônias de casamento - a critério do costume local ou desejo dos noivos - também é ministrado aos recém-casados o rito da santa ceia conforme já anteriormente citado.

O rito do casamento, com suas entradas, levanta a necessidade espacial do corredor central pelo qual a noiva atravessa o templo em direção ao púlpito, bem como a presença de uma porta que “proteja” a noiva dos olhares até o momento que esta adentra o corredor central.

- Ministério aos enfermos – mais conhecida como “unção com óleo” este rito consiste no ato do ministro molhar a ponta do dedo em um óleo aromático (que foi orado e consagrado para tal finalidade) e o colocar sobre a fronte do enfermo fazendo uma oração a Deus, pedindo que o doente seja curado. Esta prática observada pelos pentecostais (estes o fazem cf. Tg 5.14,15) não é observada por todos os cristãos.

- Culto fúnebre – não possui uma liturgia rígida, mas essencialmente consiste num culto no qual o corpo do falecido está presente. Importante ressaltar que essa reunião não é destinada ao morto, mas a Deus em agradecimento pelo tempo existência que este obteve sobre a terra, e a família - numa demonstração que amor cristão e apoio em um momento de perda de um ente querido.

Este rito não se realiza necessariamente nos templos, mas quando isso acontece se faz necessário que haja um espaço em frente ao púlpito para que seja colocada a urna mortuária, ficando assim acessível à família e à congregação.

Neste rito são cantados hinos que lembram aos vivos o destino e glória futura daqueles que perseveraram firmes em Cristo e da esperança de se encontrarem novamente um dia no céu. O sermão do pastor é direcionado a lembrar aos presentes da peregrinação do cristão nesta terra e exortação na perseverança da fé. Uma oração é realizada a Deus pedindo que o Espírito Santo console a família e aos amigos.

- Dedicção de templos – este rito tem por objetivo dedicar o lugar e os objetos como de uso exclusivo ao Senhor.

“Quando erguidas, as edificações não são consideradas meramente resultado do suor humano e nem concluídas com a última demão de tinta. O ponto alto da conclusão da obra é a confissão pública

comunitária de que Deus, o Criador, permitiu essa edificação e que, em última análise, ela está aí para servir de instrumento para uma comunidade que se engaja na missão de Deus. Como tal, as edificações comunitárias, e mesmo instrumentos e utensílios litúrgicos, são colocados ao serviço de Deus” (MANSK *apud* FRIEDRICH, 2011, p.3).

Este também não possui uniformidade entre as denominações, mas pode ser descrito como um culto festivo onde a comunidade se reúne para dedicar a Deus um local de culto. No geral, a celebração do culto começa do lado de fora do templo com orações, louvores e um sermão temático. É bastante comum o ato de desatadar uma fita inaugural abrindo assim as portas do templo para a entrada dos fiéis que geralmente entoam cânticos de louvor a Deus. Após todos se acomodarem o culto continua com liturgia diversa.

- Cultos festivos – estes cultos em geral possuem liturgia diferenciada dos demais por se tratarem de datas importantes a serem celebradas. Podem ser de páscoa, de natal, aniversário do templo, aniversário de algum grupo musical, aniversário do pastor, entre outros. Nos cultos festivos de natal e de páscoa em geral são apresentadas teatros, cantatas ou musicais referentes aos acontecimentos comemorados. Estes necessitam de um espaço de apoio, no qual os participantes se preparam (camarins), utilizando em geral o altar como um palco. Nos cultos de celebração a Deus, pelo aniversário dos grupos musicais, igualmente são apresentadas peças musicais encenadas. Algumas igrejas têm por costume convidar grupos de outras igrejas para participarem destas celebrações, necessitando assim que haja um espaço flexível que venha a acomodar diferentes grupos.

A principal mudança na liturgia dos cultos festivos incide sobre a parte dos louvores, mesmo assim nele não podem faltar os outros elementos do culto cristão como leitura bíblica, oração, ofertas e a pregação da palavra.

- Culto da virada – este culto acontece no último dia do ano em agradecimento a Deus pelo ano transcorrido. Os elementos desse culto são basicamente os mesmos que definem o culto cristão, com a diferença que este possui uma duração maior. Dois momentos são acrescentados neste culto: o momento dos testemunhos, no qual a palavra é aberta para os membros testemunharem das bênçãos alcançadas. É um momento de alegria, no qual todos

jubilam pelas vitórias dos irmãos e também uma oportunidade de fortalecer a fé da comunidade.

Normalmente é celebrada a Santa Ceia neste culto. Algumas igrejas têm por hábito realizá-la antes da virada do ano, em outras igrejas depois da virada. O certo é que pouco antes da meia-noite o pastor convoca a toda igreja que dobre os joelhos e faça cada um a sua oração. Este período de oração varia de acordo com o costume de cada comunidade, o certo é que ela só acaba depois da virada do ano. Esse período de oração é o ápice do culto. Para que a igreja se levante da oração um grupo musical começa a entoar um hino de melodia festiva. Após se levantarem, os presentes se abraçam desejando felicidades mútuas. Com o término do culto que pode ser neste momento ou depois da Santa Ceia – se esta for depois da virada – a comunidade participa de um jantar, o qual demonstra a comunhão de todos e a alegria de participar daquela comunidade.

- Vigília – este culto acontece geralmente durante toda a noite. Possui todos os elementos já descritos anteriormente do culto pentecostal com uma característica: ele é intercalado por períodos de oração, que variam de acordo com cada comunidade, podendo chegar até a uma hora. Esses períodos de oração caracterizam-se por variadas formas de expressar sua conversa com Deus, mas a mais comum é o clamor, uma oração realizada em voz alta, gerando um grande volume de som. Devido a muitos problemas referentes a perturbação do sono dos vizinhos, muitas igrejas que não possuem isolamento acústico deixaram de realizar suas vigílias nos templos e as realizam em locais afastados da área residencial em chácaras. Deste rito pode-se perceber que para que todas as atividades de uma igreja evangélica pentecostal possam ser plenamente realizadas, se faz necessário que os templos tenham isolamento acústico.

2.2.8. Ponderações sobre o rito

Entendendo que o objetivo desta monografia não é fazer dela um tratado teológico, dizendo o que está certo ou errado nas religiões, muito menos que seja um mero compêndio histórico recheado de informações, datas e nomes de pessoas que ao terminar de lê-la o leitor nem se lembrará, a compreensão do que é o rito e quais os ritos praticados pelos evangélicos tem por objetivo fazer uma aproximação

com o objeto de projeto – um templo evangélico – considerando que alguns ritos podem influenciar a espacialidade deste.

A partir da observação destes ritos supracitados podem-se destacar dois elementos importantes enraizados na humanidade que estão materializados por meio dos rituais: a comunidade e o pertencimento familiar.

Esses dois elementos podem ser observados quando uma pessoa aceita a Jesus – rito do apelo - é iniciado na família cristã – rito do batismo – e participa do momento mais íntimo de uma família, a refeição – rito da santa ceia. Assim sendo, o indivíduo se reconhece como participante de uma família, recebe instruções para o seu crescimento, e luta pelos interesses coletivos. O templo é o lugar onde costumeiramente – não o único – esta família se reúne.

“Comunidade não existe sem um lugar onde as pessoas possam se reunir, planejar a sua atuação, desenvolver a sua missão e, em especial, onde possam se encontrar enquanto corpo de Cristo, no culto, para fortalecer-se na fé, fomentar a comunhão, animar-se para o serviço comunitário, para a solidariedade e o amor mútuo; enfim, para promover o encontro com aquele que é a fonte de sua espiritualidade, o fundamento de sua existência” (MANSK, 2011. p.5).

Uma das definições da palavra “comunidade” no dicionário Houaiss (2001) “é conjunto de indivíduos que em razão de diversos fatores de natureza social têm em comum certas características em comum que os distinguem de outros grupos no mesmo meio”. Essas características tornam-se marcantes quando os indivíduos interagem entre si, se olham, se tocam e falam a “mesma linguagem”. Portanto o espaço arquitetônico do templo precisa propiciar de algum modo esse intimismo comunitário e familiar para que as pessoas sintam-se a vontade ao buscar sua espiritualidade e crescimento mútuo.

De igual modo, o espaço do templo destinado ao culto, apesar de possuir uma hierarquia centralizada no púlpito da palavra, necessita de certa flexibilidade possibilitando diferentes usos ao longo da mesma liturgia bem como atender liturgias diferentes.

3. ESTUDO DE CASO

Neste capítulo serão analisados três estudos de caso. O primeiro trata-se da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Hauer na cidade de Curitiba. Este estudo possui grande importância por se tratar da mesma denominação para a qual

será elaborado teoricamente um novo templo em outro bairro da cidade. O segundo caso é o da Igreja Evangélica Unida na cidade de Terrassa, Espanha, que possui uma infraestrutura com atividades de cunho social em parceria com a administração municipal. O terceiro caso é da Primeira Igreja Congregacional de Rochester, Michigam, EUA. Este caso aplica uma série de elementos citados anteriormente na conceituação teórica.

3.1. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Hauer

A escolha deste edifício para o estudo de caso local tem por objetivo mostrar como tem sido encarado o desafio de organizar o programa de necessidades desta denominação, considerando que é uma igreja de bairro ligada a uma igreja “mãe” e, portanto, não possui grande infraestrutura administrativa.

Esta igreja iniciou suas atividades no bairro por volta do ano de 1953 na casa de alguns membros. Posteriormente, em janeiro de 1958, foi construído seu primeiro templo de madeira medindo 7,0 x 14,0 no atual endereço: Rua Tenente Francisco Ferreira de Souza, 1444 – Vila Hauer.

Com o seu crescimento, o templo de madeira já não comportava os fiéis. Então sob a liderança do pastor local, M. Douglas Scheffel, foi erguido o novo edifício.

Projetado pelo arquiteto Alcidir Dambros em 1991 e executado pela Dambros Arquitetura e Construções, o novo edifício demorou cerca de quatro anos para começar a sair do papel e foi pré-inaugurado no dia 19 de Setembro de 1999.

O partido formal adotado para este edifício é o monobloco, no entanto a setorização do programa fica evidente quando se tem uma vista aérea do edifício. Os principais materiais que dão forma ao edifício são o concreto armado aparente, o vidro, o mármore e internamente a madeira.



Figura 23–Vista frontal Assembleia de Deus - Vila Hauer. Fonte: adhauer

3.1.1. Implantação

O edifício está implantado em um lote de formato trapezoidal, no meio da quadra, com testada para a Rua Tenente Francisco Ferreira de Souza – rua esta sentido centro-bairro, e que compõem a estrutural da Avenida Marechal Floriano.



Figura 24- Situação. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

Apesar de estar no meio da quadra, o edifício destaca-se no entorno por seu gabarito elevado em relação aos lotes vizinhos e sua cobertura inclinada, denotando assim um espaço diferenciado.



Figura 25 - Vista geral da esquina: a escala do edifício e seu entorno. Fonte: do Autor.

Por ser um lote relativamente pequeno para o porte do edifício implantado, o subsolo abrange toda a largura do terreno deixando apenas a área do recuo obrigatório livre.



Figura 26 – Implantação. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

3.1.2. Programa

O programa do edifício foi setorizado em três áreas de apoio e uma de culto, dispostos em um subsolo e 3 pavimentos:

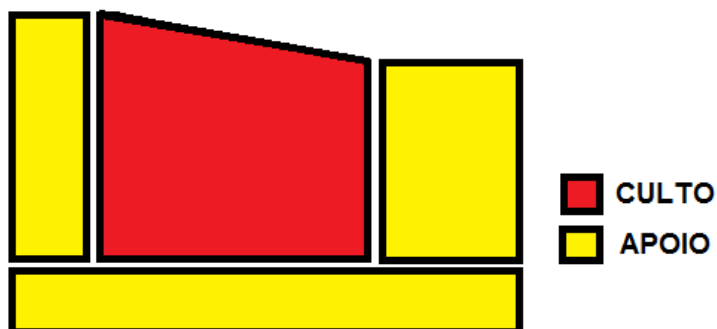


Figura 27 - Corte esquemático com distribuição do programa. Fonte: do autor.

O espaço destinado ao culto consiste de uma nave com mezanino para aproximadamente 650 pessoas e um altar para até 150 pessoas, totalizando cerca de 800 lugares.



Figura 28 - Vista interna da nave com mezanino. Fonte: adhauer.

O formato da nave, mais larga e menos profunda, com o mezanino proporciona ao fiel maior proximidade com o altar, fato que aumenta a participação do fiel na prestação do culto.

Desenhado a partir de segmentos de curvas, o altar foi projetado de modo a servir como um palco para diversas apresentações, estando elevado acima do piso 60 cm. Essa diferença de nível é vencida subindo 3 degraus tanto frontalmente

quanto por entradas laterais ao fundo. Tal solução de acesso gera problemas de acessibilidade aos cadeirantes ou pessoas que tenham dificuldades de locomoção.

Uma parede curva separa o altar da área de apoio logo atrás deste. Em frente a esta parede curva estão 3 degraus que conformam o espaço destinado ao coral. Centralizado na parte frontal do altar está o púlpito, uma estrutura de vidro que funciona tanto para apoio na celebração do culto, lugar de pregação da palavra, bem como mesa para apoiar os elementos da Santa Ceia.

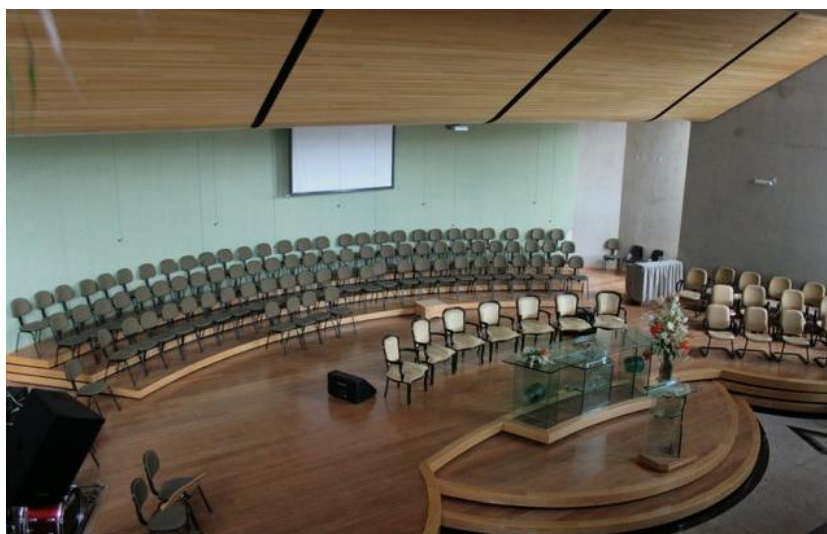


Figura 29 - Vista interna do altar. Fonte: adhauer.

O layout apresentado na figura 7 pode ser encontrado normalmente nesta igreja, porém em eventos especiais, ele pode assumir configuração totalmente diferente. A mudança da posição das cadeiras ou a retirada destas viabiliza a questão da flexibilidade, uma vez que o altar é quase inteiro, de um lado ao outro, em nível.

Um púlpito menor e móvel serve aos cantores nas celebrações normais de culto e como púlpito em reuniões menores aproximando ainda mais o ministro dos fiéis.

O espaço destinado ao apoio consiste de 19 salas que servem as mais diferentes funções: sala pastoral, tesouraria, secretaria, sala de música, escola bíblica dominical, estúdio de transmissão de cultos via internet e berçário, 2 cozinhas (uma com churrasqueira no subsolo), um refeitório, 4 banheiros, banheiro masculino + PNE e banheiro feminino +PNE e estacionamento com 20 vagas.



Figura 30 - Vista das salas no interior do mezanino e do interior do estacionamento. Fonte: adhauer.

Por falta das plantas do edifício fica difícil saber se as salas presentes no subsolo estavam no projeto original. A impressão que se tem é que são espaços adaptados as necessidades da igreja, pois o tratamento destas em relação ao edifício é muito destoante. Enquanto o conjunto possui seus acabamentos de concreto aparente ou alvenaria com revestimento Marmocryl, vidro temperado, madeira de marfim e mármore, as salas do subsolo possuem paredes divisórias Eucatex e piso bruto revestido de carpet.

Cabe aqui ressaltar que ainda faltam alguns elementos que constam no projeto original, segundo o pastor M. Douglas Scheffel, como um elevador panorâmico que liga o subsolo, a nave e os pavimentos superiores atrás do altar, bem como painéis de absorção acústica na parte posterior da nave e do mezanino.

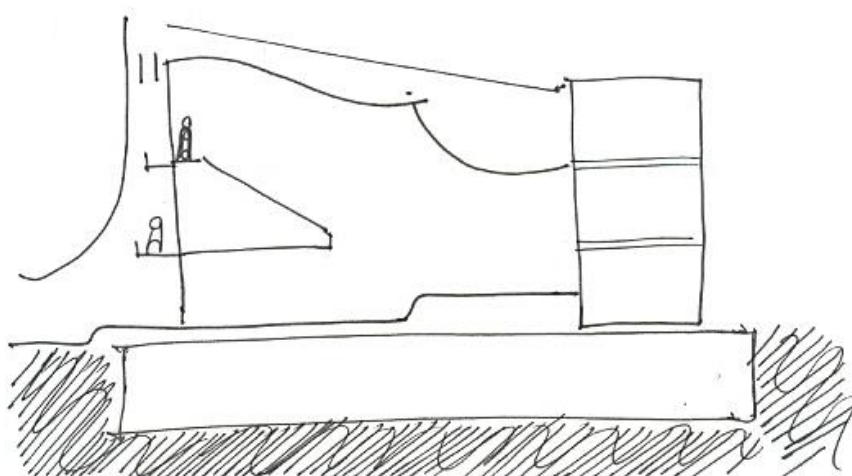


Figura 31 - Croqui do corte do edifício. Fonte: do autor.

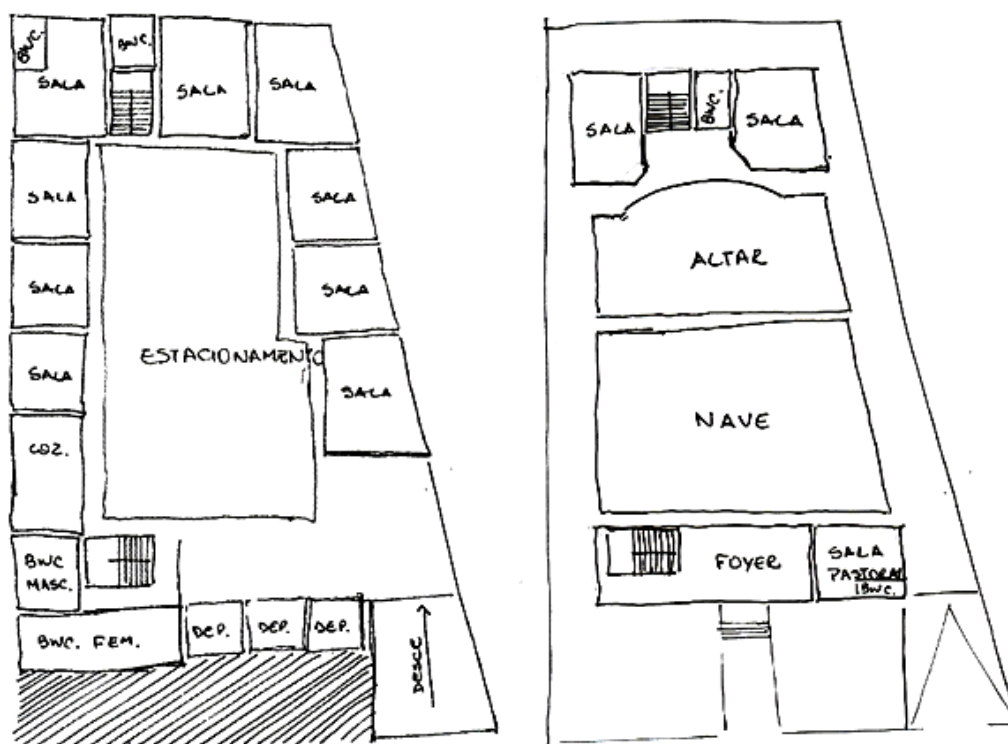


Figura 32 - Croqui da distribuição do programa no subsolo e primeiro pavimento. Fonte: do autor.

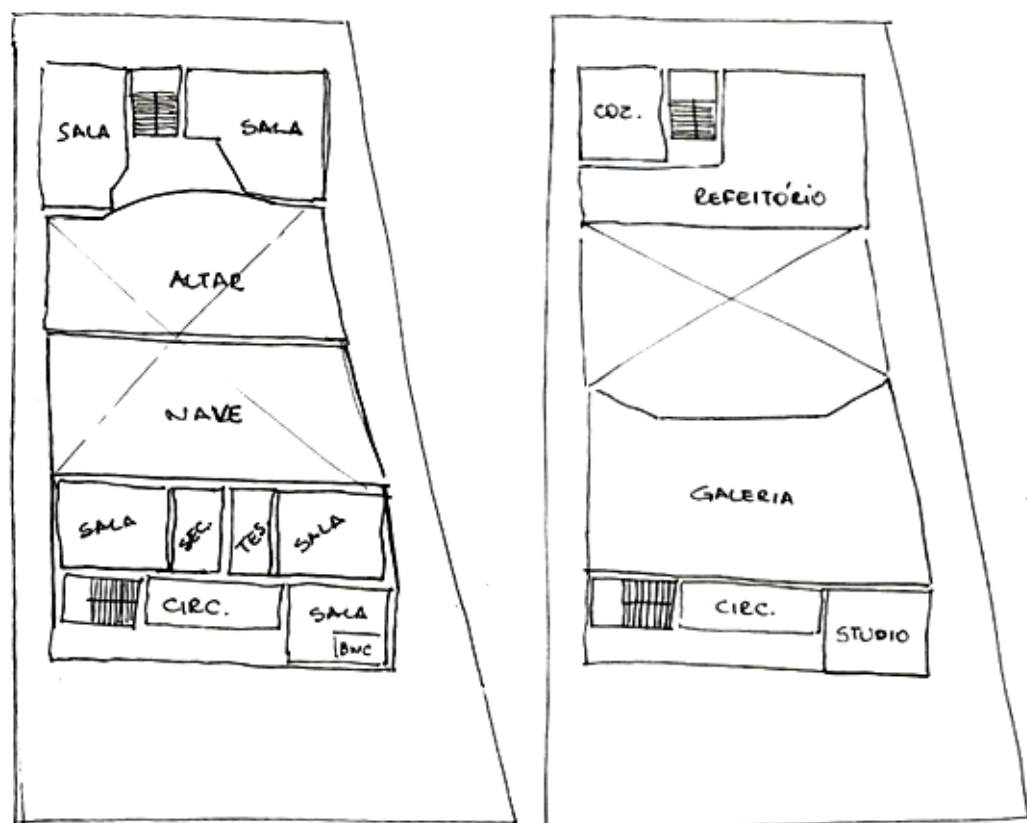


Figura 33 - Distribuição do programa no segundo e terceiro andar. Fonte: do autor.

3.1.3. Simbolismo

O templo da igreja Evangélica Assembleia de Deus - Vila Hauer tem estampado em sua fachada o simbolismo do céu. A figura 34 mostra como se dá essa leitura. A linha curva do pergolado em concreto leva imediatamente o olhar do observador da posição horizontal (relacionada ao homem) para as alturas na linha vertical (divino).

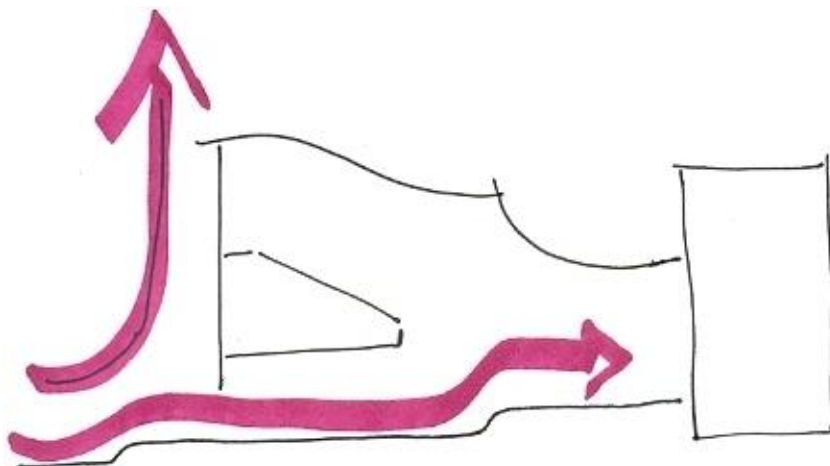


Figura 34 - Ascensão simbólica. Fonte: do autor.

Também é o pergolado que marca a passagem do espaço profano para o espaço sagrado. Inicialmente a pessoa está fora, depois num espaço permeável (nem profano nem sagrado), depois no sagrado. Essa percepção é enfatizada quando o fiel sobe os degraus, numa ascensão simbólica ao céu.



Figura 35 - Acesso principal. Fonte: adhauer.

Outro elemento utilizado neste edifício é a luz. Apesar de não ser percebida nos cultos noturnos, durante o dia a luz natural é barrada na nave pelas paredes laterais e direcionada para o altar pelas aberturas laterais, criando assim uma atmosfera agradável.



Figura 36 - Altar iluminado e nave na penumbra. Fonte: adhauer.

3.2. Igreja Evangélica Unida, Terrassa – Espanha

A Igreja Evangélica Unida é uma denominação centenária na cidade de Terrassa na Espanha. Recentemente, no ano de 2010 inaugurou seu novo templo após 12 anos de busca por um terreno apropriado. O projeto é dos arquitetos Carlos Ferrater com Lúcia Ferrater e execução do arquiteto Enric Belinski.



Figura 37 - Vista frontal do edifício. Fonte: Archdaily.

O partido formal adotado caracteriza-se por um grande bloco, conformando um embasamento que diminui de altura à medida que as curvas de nível do terreno se elevam, no qual estão as áreas de apoio e as atividades da creche, e um volume regular centralizado nesse embasamento, no qual se desenvolve o espaço de culto. Um segundo volume em balanço de altura menor se projeta pra fora do embasamento conformando dois pátios.



Figura 38 - Vista lateral do edifício. Fonte: Archdaily.

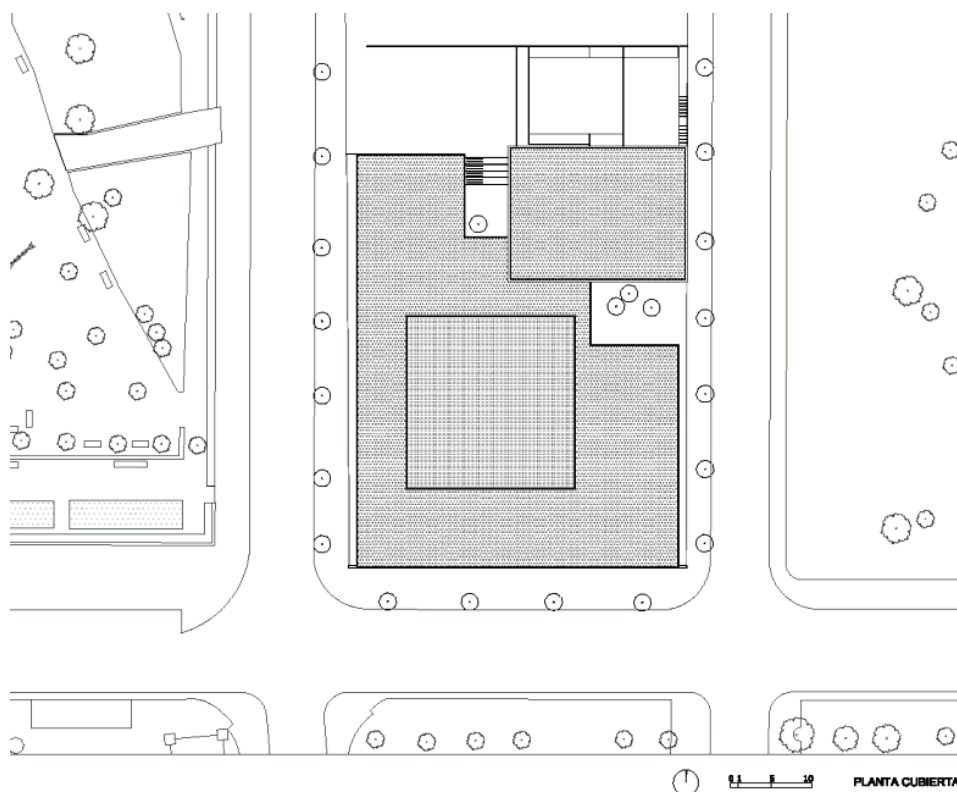


Figura 39 - Planta de cobertura. Fonte: Archdaily.

3.2.1. Implantação

Situado no bairro CanTursell, o edifício tem sua fachada principal voltada para a Avenida Béjar, uma importante via de acesso à cidade e de comunicação com a zona industrial.

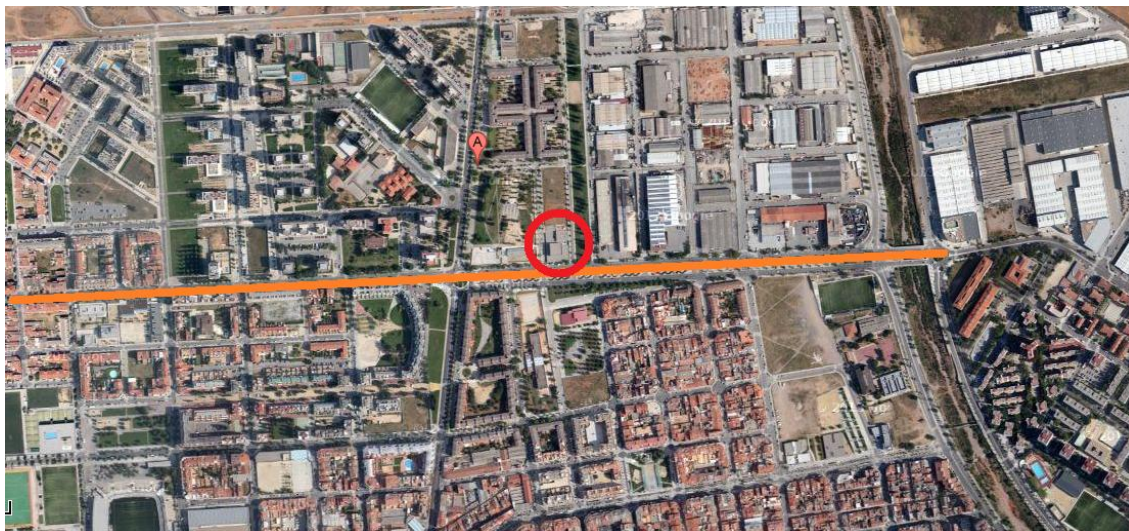


Figura 40 - Bairro CanTursell. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

O edifício que ocupa um terço da quadra é um misto de espaço religioso, no qual se realizam os cultos dominicais, com espaço de uso social, numa parceria com o governo municipal.



Figura 41– Implantação. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

3.2.2. Programa

O programa de necessidades deste edifício surge da necessidade de um espaço de culto de uma comunidade protestante, bem como de uma forte característica desta – participar ativamente da vida social do seu entorno. A solução encontrada foi projetar um edifício de caráter misto, no qual as atividades religiosas e as atividades de uma creche ocorram sem que uma atrapalhe o bom desenvolvimento da outra.

De certa forma isso poderia ser bastante fácil de resolver, uma vez que as atividades religiosas desta comunidade ocorrem apenas nos domingos, dia este em que não há atividade da creche. A dificuldade era projetar um espaço para duas atividades distintas e ao mesmo tempo dar unidade ao edifício.

A solução encontrada foi tornar a sala de culto no espaço que articula o todo, pois a sua volta estão as circulações que dão acesso às salas de aula e os espaços contíguos que conectam a sala de culto com o exterior por meio dos pátios.

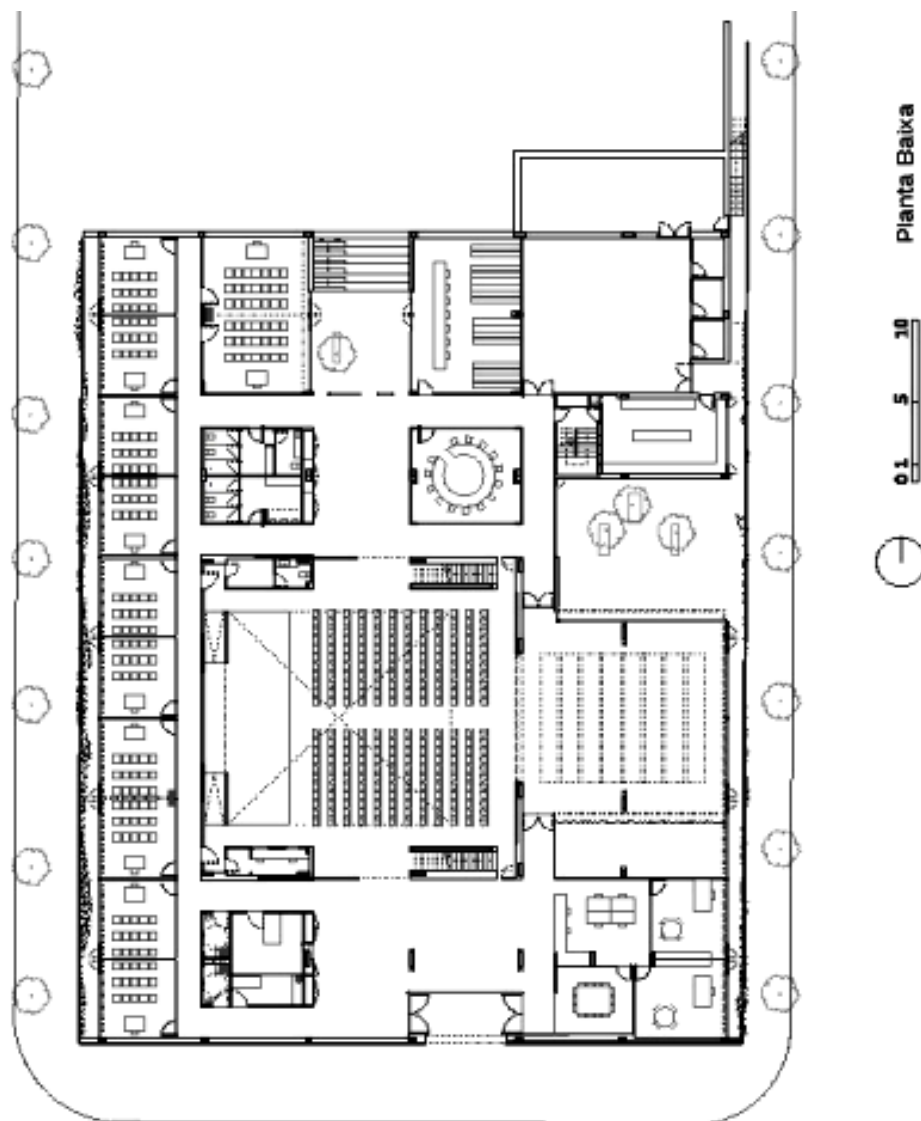


Figura 42 - Planta baixa. Fonte: Archdaily.

O espaço de culto consiste de um auditório com 264 lugares no térreo mais 126 lugares no mezanino, totalizando 390 lugares (figura 20). É um espaço muito puro, livre de adornos ou quaisquer mensagens. Predomina o branco das paredes e do teto, o cinza escuro dos assentos e da estrutura do forro acústico e tons de marrom no piso, no púlpito e em algumas paredes.

Por ser o principal espaço no conjunto e possuir o mezanino, a sala de culto possui pé-direito duplo, gerando assim o volume que se destaca no grande embasamento (figuras 21 e 22). Este volume recebe tratamento externo diferente dos demais. Enquanto o restante do edifício possui um revestimento de chapa metálica ondulada disposta na posição vertical, o volume da sala de culto é revestido

por chapas de alumínio reciclado, prensado e injetado que confere a este volume um brilho especial.

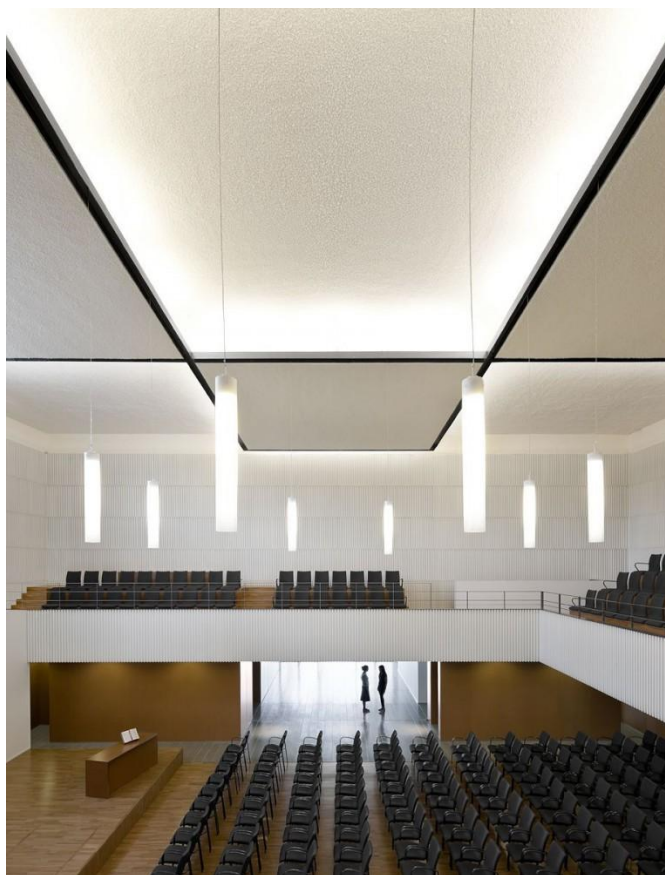


Figura 43 - Espaço de culto. Fonte: Archdaily.

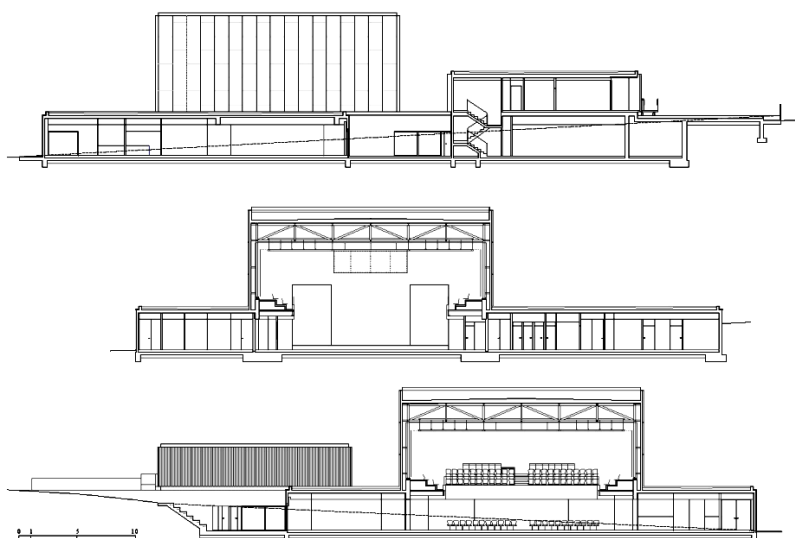


Figura 44 - Cortes do edifício. Fonte: Archdaily.

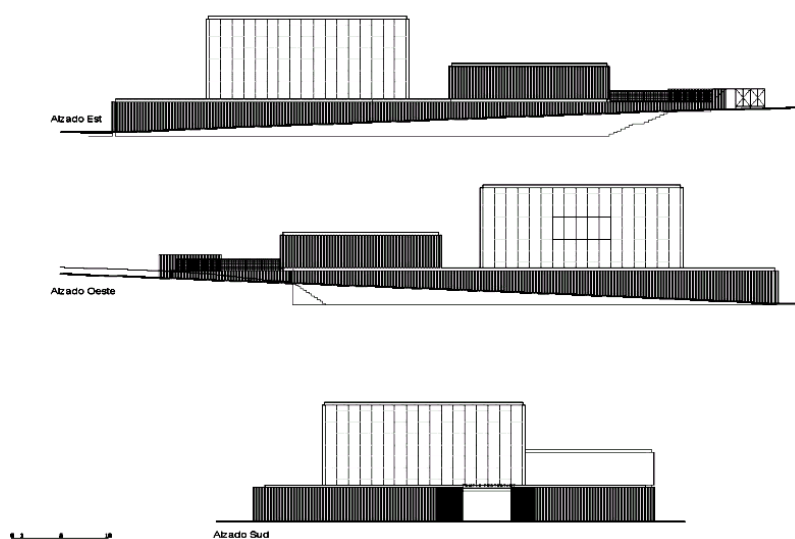


Figura 45 - Fachadas do edifício. Fonte: Archdaily.

O acesso à sala de culto se dá por painéis móveis, que quando abertos conectam esta a espaços conectados aos pátios. Estes espaços funcionam como foyer e convivência coberta quando ocorre o uso dominical, bem como espaço de convivência e circulação quando a creche está em funcionamento durante a semana. Outros espaços que provavelmente compartilham o uso são os sanitários e os pátios.

No projeto, o arquiteto se utiliza da posição favorável do pátio para dar a ele quatro funções distintas: acesso ao edifício, iluminação e ventilação das salas, espaço lúdico para as crianças e um anfiteatro na escada. Uma árvore humaniza o espaço ao mesmo tempo em que é uma escultura.



Figura 46 - Vista externa do pátio com escada em anfiteatro. Fonte: Archdaily.

O programa relativo as atividade da creche contemplam 12 salas flexíveis, podem se unir pela abertura de painéis móveis, sala de reunião, 4 salas para administração, biblioteca, cozinha, refeitório, sanitário masculino, feminino e PNE.

Enquanto os critérios compositivos do interior do edifício correspondem a critérios funcionais, os externos respondem à situação, à orientação e sobre tudo ao desejo de ser um edifício discreto e contido visto de perto, mas ao mesmo tempo uma peça referente do culto evangélico visto de longe.

3.3. Igreja Unida de Cristo - Rochester, Michigan, EUA

A Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ, UCC*) é uma denominação cristã protestante dos Estados Unidos da América, formada em 1957 pela união de duas denominações, a Igreja Reformada e Evangélica e as Igrejas Cristãs Congregacionais. Esta denominação de orientação Calvinista possui cerca de 1,2 milhão membros e mais de 5,3 mil templos.

O templo desta denominação a ser estudado aqui pertence à Primeira Igreja Congregacional de Rochester. Trata-se da construção de uma ala contendo o novo espaço de culto com 375 assentos e de novas instalações de suporte em um conjunto de instalações existentes.



Figura 47 - Vista da Primeira Igreja Congregacional de Rochester, Michigan, EUA. Fonte: Archdaily.

O projeto é do arquiteto Constantino George Pappas do escritório AIA Arquitetura e Planejamento e sua conclusão ocorreu no ano de 2010.

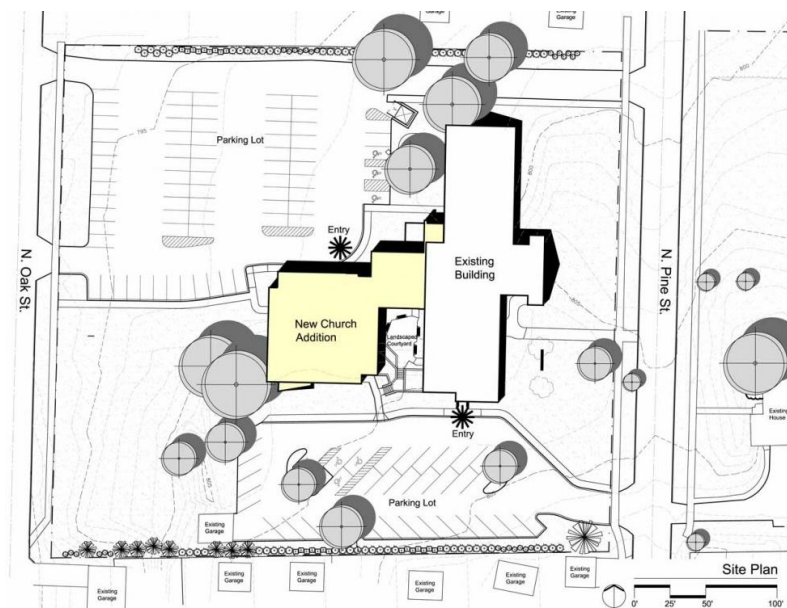


Figura 48 - Implantação do novo edifício. Fonte: Archdaily.



Figura 49 - Vista do edifício existente. Fonte: Google streetview



Figura 50 - Vista do novo edifício ao fundo. Fonte: Google streetview.

3.3.1. Implantação

O templo da Igreja Unida de Cristo situa-se num bairro residencial de Rochester próximo a S Rochester Rd, uma importante via que corta a cidade de Rochester.



Figura 51 - Localização do edifício. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

O edifício está implantado de modo isolado em um grande lote, que é limitado por duas vias paralelas. Uma terceira via foi aberta conectando as duas ruas e o estacionamento na parte oeste do terreno.

Aqui cabe ressaltar que o fato deste edifício estar isolado e em um grande lote gera uma quebra no ritmo normal do espaço do bairro, uma característica forte na classificação de uma arquitetura sagrada. Esse afastamento pode ser entendido como um espaço de preparação, um espaço que separa o profano do sagrado.

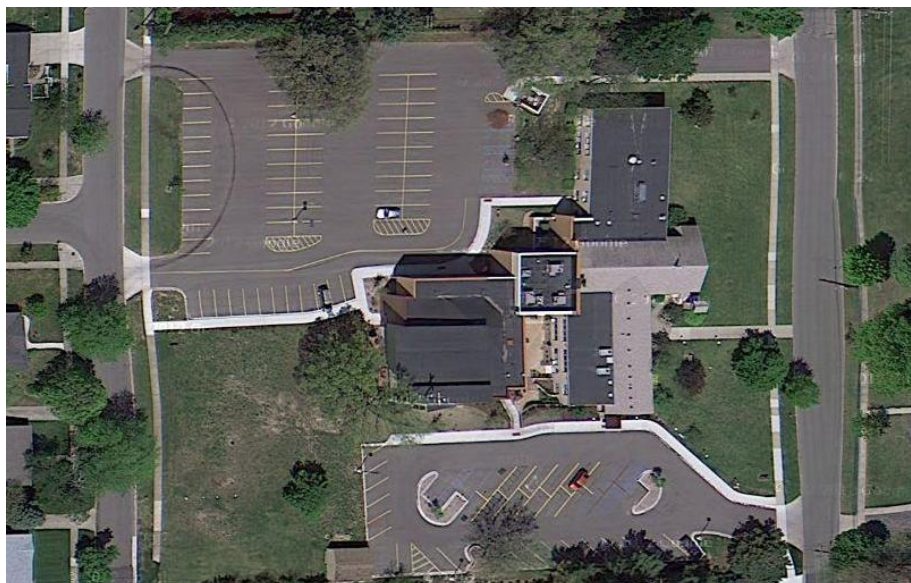


Figura 52 - Implantação do edifício. Fonte: Google Maps.

3.3.2. Programa

O programa deste novo anexo está distribuído em dois pavimentos, separando assim os usos. O pavimento inferior caracteriza-se por atender as atividades comunitárias, enquanto que o pavimento superior atende a atividade religiosa propriamente dita.

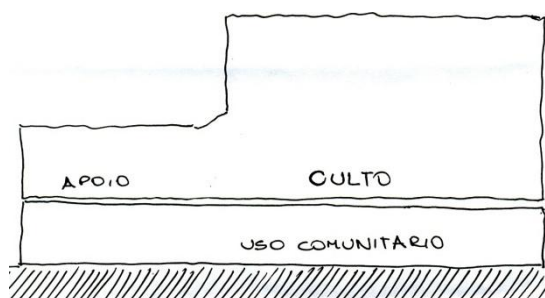


Figura 53 - Croqui da distribuição dos usos nos níveis. Fonte: do Autor

No pavimento de nível inferior estão o hall de acesso, 3 salas de reuniões que podem se tornar uma, 1 depósito, 1 sala para assistência social, banheiros masculino e femininos com PNE integrado, escada e elevador de acesso ao pavimento superior. Entre a nova e a antiga construção, um espaço residual dá lugar a uma pequena praça banhada pelo sol na fachada sul.

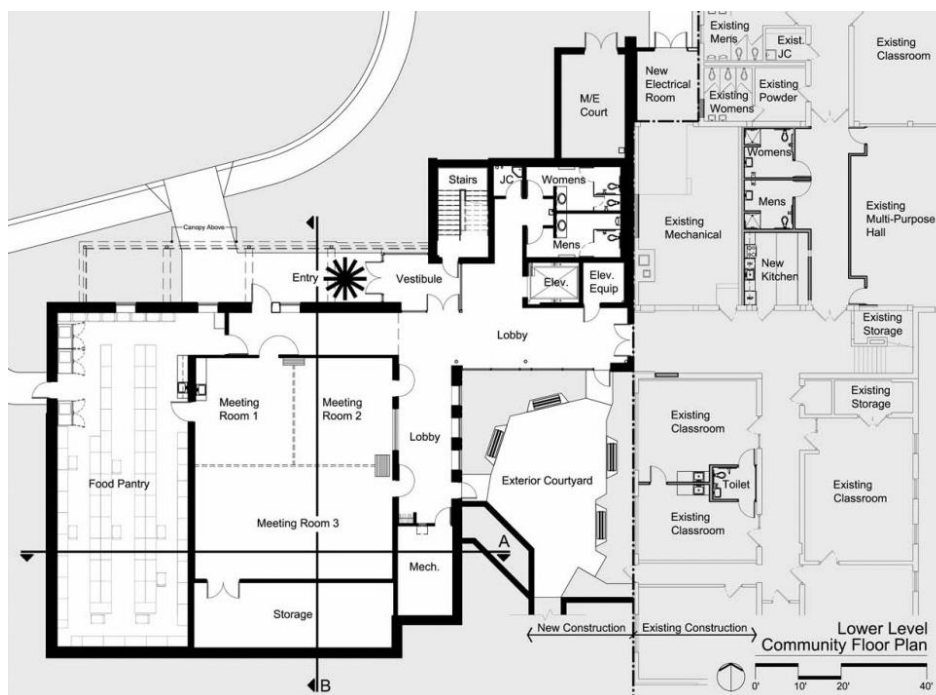


Figura 54 - Planta baixa pavimento inferior. Fonte: Archdaily

No pavimento de nível superior estão o hall de acesso, espaço de culto com capacidade para 375 assentos, berçário, estúdio, 2 depósitos, banheiros masculino e feminino com PNE integrado, copa para funcionários, escada e elevador de acesso ao pavimento inferior.

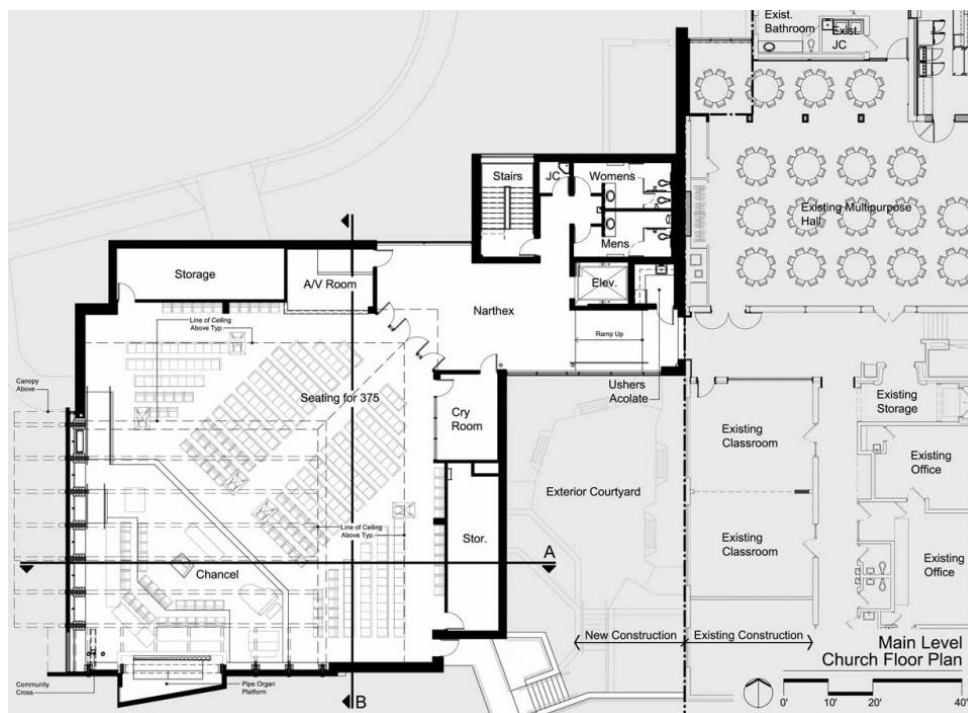


Figura 55 -Planta baixa do pavimento superior. Fonte: Archdaily.

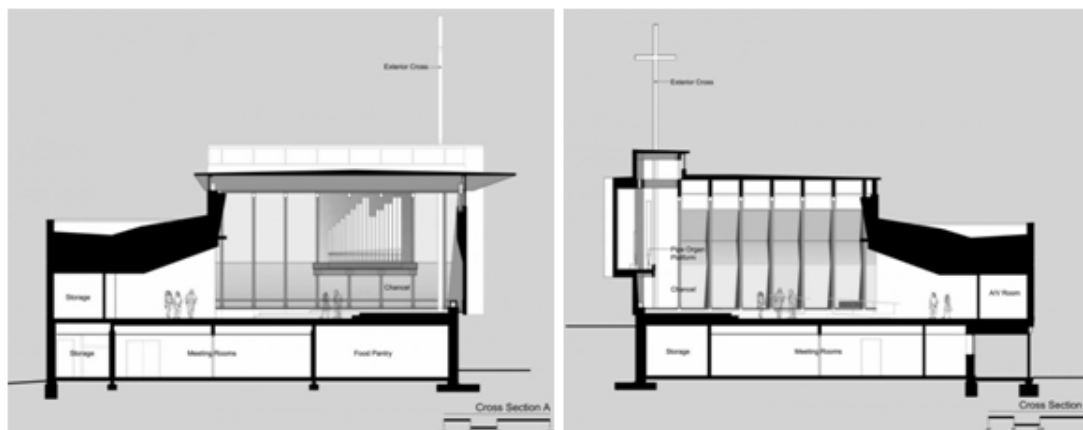


Figura 56 - Corte AA e BB. Fonte: Archdaily.

3.3.3. Simbolismo

Projetada para ser um espaço íntimo desde a sua criação, o templo propicia que a comunidade não fique distante mais que 12 metros da mesa de comunhão. Essa distância favorece a participação do fiel no culto, não colocando ele na simples posição de mero expectador, fato comum nos templos de planta linear muito alongada. O uso da madeira e a luz que entra suave por cima propiciam ao espaço uma atmosfera acolhedora.

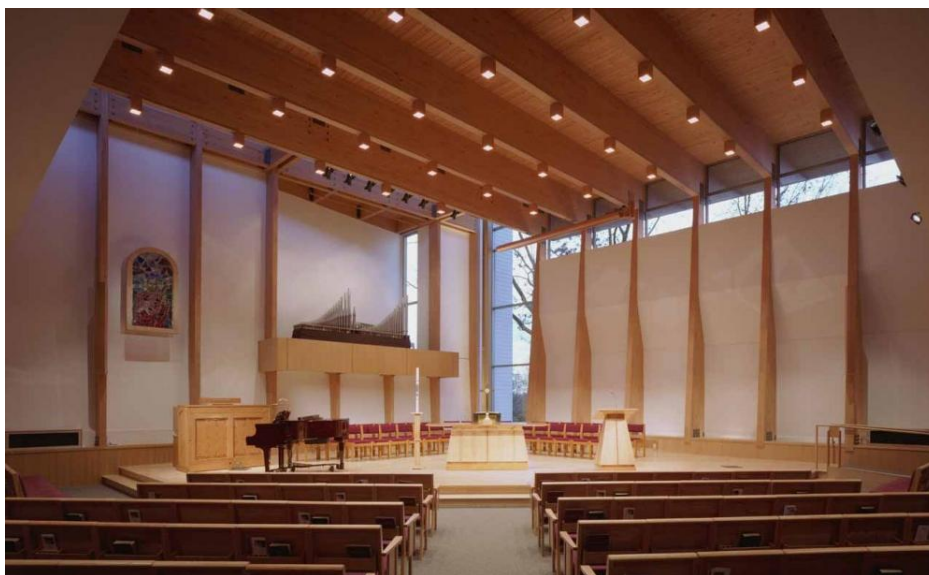


Figura 57 - Vista interna. Fonte: Archdaily.

A nave disposta em leque fortalece o vínculo de comunhão da comunidade. O fiel que estiver na posição do observador da figura 36, por exemplo, além de ver o altar verá facilmente os demais com um leve giro da cabeça.

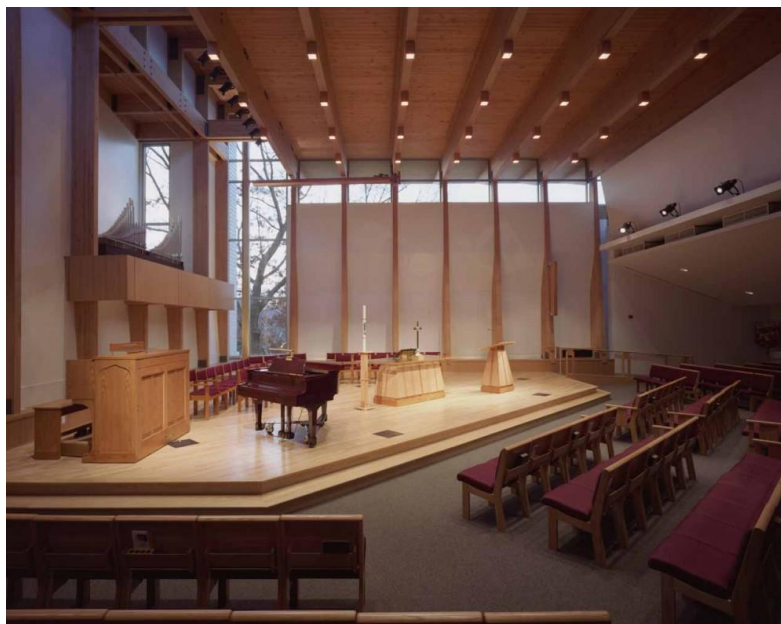


Figura 58 - Vista interna. Fonte: Archdaily.

Interessante notar que nesta igreja o espaço que possui o maior pé-direito é onde está localizado o altar, marcando assim a hierarquia do espaço no conjunto.

A verticalidade deste conjunto, no olhar do observador comum poderia ser apenas expressa na cruz de ferro, de cerca de 17 metros de altura, que atravessa o telhado da igreja e toca o altar. Porém o observador atento veria que além da cruz e do pé-direito mais alto, os elementos verticais se mostram no ritmo marcante da estrutura dos pilares e nas aberturas da plataforma do órgão e de trás do altar.



Figura 59 - Vista do ritmo dos pilares e da cruz. Fonte: Archdaily.

O uso da luz natural neste projeto tem o caráter de demarcar os espaços e destacar as partes por meio de “rasgos” no volume.

Uma abertura vertical do chão ao teto na fachada Oeste trás luz para o altar. Outra abertura também vertical destaca o volume do órgão de tubos no que pode ser considerado um nicho pela parte de dentro ou um volume saliente visto de fora. Uma abertura horizontal acima do telhado, voltada para a face norte, completa o banho de luz sobre a plataforma do órgão.

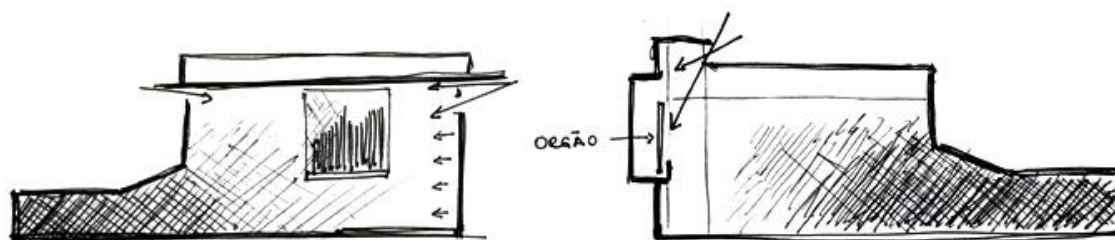


Figura 60 - Croqui de análise da luz no interior do templo. Fonte: do autor.

4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Este capítulo tem por objetivo apresentar e analisar a realidade sob a qual o projeto de um templo evangélico está condicionado, utilizando-se da coleta e análise de dados e visitas in loco. O produto aqui apresentado refere-se não só a leitura do local a ser implantado o projeto, como também do público alvo que utilizará o edifício.

4.1. O público alvo

A escolha do público alvo tem como objetivo levar, pra dentro desta comunidade, a discussão do espaço sagrado e a necessidade de uma arquitetura de qualidade, uma vez que, como visto anteriormente, as igrejas evangélicas por uma série de motivos perderam a qualidade de seus espaços.

Partindo deste entendimento, tomou-se a Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Santa Rosa como cliente teórico, uma vez que esta comunidade necessita com urgência de novas instalações.

4.1.1. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus

Denominação centenária em nosso país, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus é a maior denominação protestante do Brasil com aproximadamente 12 milhões de fiéis e mais de 460 mil templos espalhados pelo país, segundo dados do IBGE 2010.

As Assembleias de Deus no Brasil estão organizadas em forma de episcopado não territorial, onde cada Ministério é constituído pela igreja sede com suas respectivas filiadas, congregações e pontos de pregação, denominadas de sub-congregações. O sistema de administração é um misto entre o sistema episcopal e o sistema congregacional, onde os assuntos são previamente tratados pelo ministério (convenção local), com forte influência da liderança pastoral, e depois são levados às assembleias gerais para serem referendados apenas pelos membros. Os pastores das Assembleias de Deus podem estar ligados ou não às convenções estaduais, e estas se vinculam a uma convenção de âmbito nacional. As duas maiores convenções nacionais são a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira (CONAMAD).

Da ramificação pentecostal, esta denominação iniciou suas atividades em Curitiba no ano de 1929, com cultos voltados para a colônia polonesa, ministrados pelo pastor Bruno Skolimovski. Até a compra da sua primeira propriedade, a igreja mudou varias vezes de endereço sempre se utilizando de edifícios adaptados.

Por volta do ano de 1936 esta igreja adquiriu sua primeira propriedade na Avenida da Graciosa, atual Avenida Cândido de Abreu, 367. Neste terreno havia um barracão onde funcionava uma fábrica de cadeiras de palha e vassouras. Nos fundos havia uma casa, que serviu de casa pastoral.



Figura 61 - Primeira propriedade da Assembleia de Deus em Curitiba. Fonte: [adcuritiba](http://adcuritiba.org.br)

Atualmente a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Curitiba possui sua sede administrativa na Rua Senador Xavier da Silva, 467 – Centro Cívico de Curitiba, 143 congregações e 18 sub-congregações espalhadas pela cidade que abrigam cerca de 33 mil membros, fora os congregados.



Figura 62 - Vista da fachada frontal Assembleia de Deus - Centro Cívico. Fonte: <http://pastordanielpedroso.blogspot.com.br>

Todos os departamentos das congregações estão sob a coordenação das superintendências do campo, sendo que as estruturas maiores de suporte a essas superintendências localizam-se na Sede, ficando a cargo da congregação as atividades locais e participação nos eventos de interesse do campo eclesiástico.

4.1.1. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Vila Santa Rosa

Esta igreja é uma congregação, ou seja, uma igreja de bairro ligada a uma sede administrativa, portanto, não necessita de estruturas administrativas de grande

volume. Suas atividades possuem abrangência local e tem como objetivo aproximar a igreja do fiel.

Devido a uma grande chuva, na qual muitos arquivos da sede administrativa foram perdidos, não se sabe ao certo quanto tempo tem esta igreja. O que se sabe por depoimentos é que ela iniciou suas atividades na casa de uma senhora carinhosamente chamada de Candinha.

Um levantamento fotogramétrico da área, datado do ano de 1972 (figura 63), a igreja já estava no atual endereço, Rua Rivadávia Fonseca de Macedo, 353, bairro Cajurú, podendo-se considerar que está presente nesta comunidade a mais de 40 anos.

Apesar das reformas e ampliações das estruturas que ocorreram ao longo dos anos, atualmente essa congregação sofre com problemas de falta de espaço na nave da igreja para acomodar os fiéis e de salas de apoio aos ministérios, problemas de estacionamento, incômodo dos vizinhos pelo barulho gerado, falta de acessibilidade, entre outros.



Figura 63 - Foto aérea de 1972. Fonte: Lahurb.



Figura 64 - Vista frontal Assembleia de Deus - Vila Santa Rosa. Fonte: do autor.

A igreja atualmente está estruturada em ministérios, sendo que alguns por falta de espaço não funcionam como deveriam.

- **Ministério infantil:** atende crianças de 0 a 11 anos de idade com atividades lúdicas e ensino bíblico de modo pertinente a cada faixa etária. Organiza o culto infantil dominical, o coral infantil e escola bíblica de férias. As faixas etárias atendidas de acordo com o currículo estabelecido pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD) para a escola bíblica dominical são: berçário de 0 a 2 anos; maternal de 3 e 4 anos; jardim de infância de 5 e 6 anos; primários de 7 e 8 anos; juniores de 9 e 10 anos e pré-adolescentes de 11 e 12 anos.
- **Ministério de adolescentes:** atende adolescentes de 13 a 17 anos de idade com atividades pertinentes a esta faixa etária. Organiza o culto de adolescentes, o conjunto vocal e grupos de integração, oração e estudo bíblico, além de acompanhamento pessoal. As faixas etárias atendidas de acordo com o currículo estabelecido pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) para a escola bíblica dominical são: adolescentes vencedores de 13 e 14 anos e juvenis de 15 a 17 anos.
- **Ministério de jovens:** atende jovens de 18 a 30 anos com atividades pertinentes a esta faixa etária. Organiza o culto jovem, o coral jovem, grupos de integração, oração e estudo bíblico dominical.
- **Ministério feminino:** atende principalmente no ministério de interseção com o Círculo de Oração, reunião que ocorre semanalmente na qual o grupo se reúne para orar pelos mais variados temas. Organiza os cultos femininos domésticos e o coral feminino.
- **Ministério de família:** atende as famílias e casais com aconselhamento familiar, organiza o culto da família cuja pregação é voltada para a área familiar, promove cursos e palestras e faz o acompanhamento de novos casais.
- **Ministério de música:** atende a todos os setores musicais da igreja, banda, orquestra, grupos vocais dos ministérios e corais, promovendo o aperfeiçoamento musical e vocal.
- **Ministério de ação social:** promove o atendimento social a pessoas menos favorecidas com o suprimento de alimentos, vestuário e remédios, encaminhamento de pessoas para tratamento físico, psíquico e espiritual e promove atividades diversas de cunho social e beneficente.

- **Ministério de evangelismo e missões:** atende a missão da igreja que é a difusão do evangelho através do fomento do evangelismo pessoal, realização de eventos de cunho evangelístico e apoio as missões nacional e transcultural.
- **Ministério de integração:** responsável pelo acompanhamento e discipulado de novos membros.
- **Ministério de educação cristã:** atende a área do ensino teológico sendo o responsável pelo bom andamento da Escola Bíblica Dominical – EBD, e Escola Bíblica de Férias – EBF e do Curso Teológico Ensinai.
- **Diaconia:** corresponde à prestação de serviços na congregação, manutenção da ordem e bom andamento do culto, levar a Santa Ceia aos enfermos, bem como auxiliar em todos os serviços relativos ao culto e atividades afins.

A administração da igreja é de responsabilidade do pastor dirigente, sendo este assessorado pelo secretário da igreja e tesoureiro.

4.2. O sítio

A escolha do sítio partiu da delimitação do público alvo. Por ser uma igreja de bairro, o projeto de um templo evangélico nesses moldes funciona como um equipamento urbano que visa não só suprir uma determinada comunidade com um espaço de culto, mas propiciar ao entorno um espaço público de qualidade.

4.2.1. A evolução histórica do bairro Cajurú

As primeiras referências históricas sobre o bairro Cajurú (palavra de origem indígena que quer dizer “boca ou entrada da mata”) aparecem em 1681, numa petição de terras no caminho de “Yuberaba” (atual caminho de Itupava), no sítio de “Cahajurú”.

Sua ocupação inicial dá-se por pequenos sítios ligados a pecuária de bovinos e equinos, sendo que o acesso à vila dava-se pelo então caminho de Yuberaba. No ano de 1858 instala-se na região a Congregação das Irmãs de José de Chambery e no ano de 1907 fundou-se o Orfanato São José e o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, hoje no Cristo Rei.

Na década de 30 a região passa por um importante desenvolvimento urbanístico com a implantação das oficinas da Rede Ferroviária e da Vila dos Ferroviários. De 30 a 60 essa região foi se consolidando urbanisticamente devido a

vários fatores como o projeto da BR 277, que liga Curitiba a Paranaguá, e da linha férrea de carga que corta a região (déc. 70).

Nos anos 70, com a introdução do Sistema Integrado de Transporte nos bairros, iniciou-se a expansão das redes de água, iluminação pública, energia e esgoto, viabilizando efetivamente assim a ocupação urbana da região.

A delimitação do território do bairro está definida pela rodovia BR – 277 e pelo encontro dos rios Atuba e Iguaçu.

Possui uma população de cerca de 90 mil habitantes e uma densidade de 77,72 hab./há. Da Regional Cajurú, o bairro Cajurú é o mais populoso e o terceiro mais populoso da cidade de Curitiba atrás da Cidade Industrial e do Sítio Cercado.

Sua economia está baseada no comércio com cerca de 1400 estabelecimentos, seguido do setor de serviços com 950 empresas e pelo setor industrial com 370 indústrias (construção, vestuário e acessórios).

O bairro é bem servido de transporte público, possuindo dois terminais de ônibus: o Terminal do Centenário e o Terminal Vilas Oficinas, mais as linhas bairro-centro.

4.2.2. Análise do entorno

Por se tratar de uma igreja de bairro que possui um raio de abrangência, a escolha do terreno para o novo templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus deve limitar-se ao entorno próximo ao atual templo, uma vez que em outra localidade não abarcaria o atual público e entraria na jurisdição de outra congregação (figura 64).

A Vila Santa Rosa na verdade não existe com este nome no cadastro da Prefeitura Municipal de Curitiba. Nos documentos oficiais esta região está denominada como Jardim Solitude. O nome, Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Vila Santa Rosa, provavelmente foi dado pela presença de um ponto de referência muito importante na região que é a Escola Estadual Santa Rosa.



Figura 65 - Imagem aérea do deslocamento do templo. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

O Jardim Solitude é uma vila do Bairro Cajurú que faz divisa com o Bairro Uberaba por meio da BR 277, com o município de São José dos Pinhais, pelo Rio Cubatão, afluente do Iguaçu, e com outras vilas do bairro como Acrópole e Mercúrio.



Figura 66 - Localização do Jd. Solitude. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.

O Jardim Solitude caracteriza-se pela presença de importantes equipamentos públicos como a Escola Estadual Santa Rosa, Escola Municipal Maria

de Lurdes Pegoraro, CMEI Solitude, Posto de Saúde Solitude, Setor Esportivo Peladeiros e Unidade da Guarda Municipal.

Outra presença marcante é dos edifícios religiosos, sendo seis denominações diferentes, todas do segmento cristão.



Figura 67 - Localização dos edifícios cristãos. Fonte: Google Maps com adaptação do autor.



Figura 68 - Vista dos edifícios religiosos no Jd. Solitude. Fonte: do autor.

O Jardim Solitude é servido por quatro linhas de ônibus. Duas delas levam ao Terminal Centenário, sendo estas Acrópole e Vila Reno. A linha Colombo- São José liga o Terminal Central de Pinhais ao Terminal Afonso Pena em São José dos Pinhais. A quarta linha denominada Solitude é uma linha direta bairro-centro, conectando o bairro à Praça Carlos Gomes, centro de Curitiba.

4.2.3. O terreno

O terreno escolhido para o projeto do novo templo está situado a duas quadras, na mesma rua do atual templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Composto por cinco lotes, o terreno localizado na ponta da quadra tem testada para três ruas. Testada de 30 metros para a Rua Alfredo Barcik, testada de 76 metros para a Rua Rivadávia Fonseca de Macedo e testada de 30 metros para a Rua Dr. José A. de Moura Negrini.



Figura 69 - Imagem aérea do terreno. Fonte: Google Maps.



Figura 70 - Vistas do terreno. Fonte: do autor.

Em frente ao terreno na Rua Rivadávia F. de Macedo tem um ponto da linha de ônibus Colombo- São José, sentido São José dos Pinhais, e um ponto da linha de ônibus Solitude. A linha alimentadora do Terminal Centenário, Vila Reno, passa na lateral do terreno a Rua Alfredo Barcik.

As ruas Alfredo Barcik e Rivadávia F. de Macedo constituem-se importantes vias de ligação do Jd. Solitude, por se tratarem de ruas que proporcionam o retorno a BR-277, tanto no sentido Curitiba quanto no sentido São José dos Pinhais- litoral.

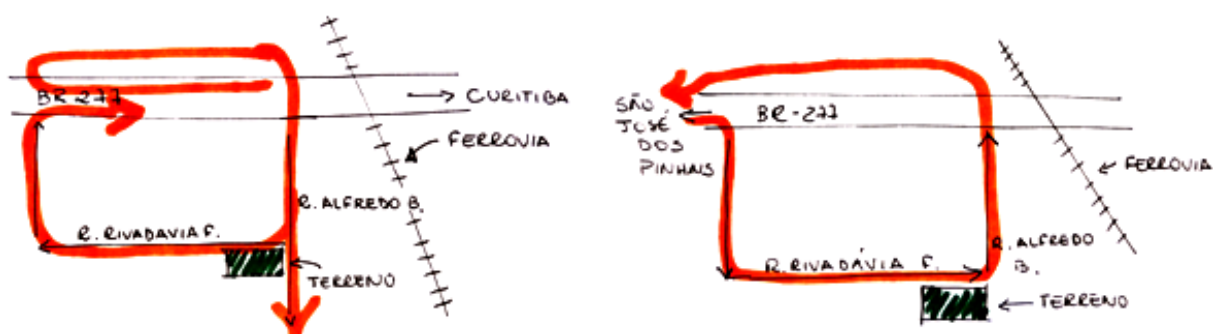


Figura 71 - Croquis de análise da circulação de veículos no entorno. Fonte: do autor.

O terreno está situado no Setor de Transição – APA do Iguaçu. Segundo o decreto nº192, o setor de transição corresponde a áreas com loteamentos residenciais aprovados anteriormente a implantação da APA.

SETOR DE TRANSIÇÃO – APA DO IGUAÇÚ	
Usos permitidos	Habitacional, comércio e serviço vicinal
Usos permissíveis	Comunitário – no qual se enquadra a atividade religiosa
Área do lote	2.280m ²
Coeficiente de aprov.	1,0 = 2.280m ²
Taxa de ocupação	50%
Taxa de permeabilidade	25%
Quantidade de pavimentos	2 pavimentos
Recuo frontal	5 metros

Tabela 1 - Parâmetros construtivos. Fonte: do autor.

5. Diretrizes projetuais

Partindo da compreensão que o espaço sagrado é um espaço que se diferencia do seu entorno e do conhecimento das necessidades espaciais relativas às atividades de culto e de apoio aos ministérios da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, este capítulo tem por objetivo especular qual seria a arquitetura ideal para abrigar tais atividades.

Sendo os símbolos sagrados e os ritos praticados discutidos, é hora de relacionar estes a linguagem arquitetônica, estabelecendo-se diretrizes para a materialização do templo evangélico. Para isso foi elaborado um programa básico de necessidades, tendo como referência a estrutura organizacional citada anteriormente no capítulo 4.1.1. e a aproximação do projeto com alguns ensaios projetuais.

5.1. Programa

O programa proposto atende as necessidades da denominação, entendendo que os ministérios têm o caráter de apoio à atividade principal da igreja – adoração, comunhão, crescimento e serviço. Para isso o programa foi dividido em quatro áreas principais: culto, administração, apoio e estacionamento.

CULTO

Auditório: com capacidade para 600 lugares ($2 \text{ pessoas/m}^2 = 300\text{m}^2 + 1/4 \text{ de palco} = 375\text{m}^2$)

Foyer com recepção: 150m² (4 pessoas/m²)

Sanitários: masculino (2 vasos sanitários, 2 mictórios, 4 lavatórios), feminino (4 vasos sanitários, 4 lavatórios), PNE unissex e estação para troca de bebês: 50m²

ADMINISTRAÇÃO:

Sala pastoral: 12m²

Secretaria: 12m²

Tesouraria: 12m²

Almoxarifado: 12m²

APOIO:

Refeitório: capacidade para 300 pessoas = 300m²

Cozinha industrial: 1/3 da área do restaurante: 100m²

Depósito e manutenção: 12m²

Biblioteca/ midiateca e informática: 60m²

Ministério infantil: 6 salas de 20m² = 120m²

Ministério de adolescentes: 2 salas de 30m² = 60m²

Ministério de jovens: 2 salas de 30m² = 60m²

Ministério de música: 2 salas de 30m² = 60m²

Ministério de ação social: 1 sala de 30m²

Ministério de evangelismo e missões: 1 sala de 12m²

Ministério de integração: 1 sala de 12m²

Ministério de educação cristã: 1 sala de 12m²

Sanitários: masculino (2 vasos sanitários, 2 mictórios, 4 lavatórios), feminino (4 vasos sanitários, 4 lavatórios), PNE unissex: 50m²

ESTACIONAMENTO:

Os parâmetros para dimensionamento de estacionamentos e garagens constam no decreto municipal nº582. A área destinada a cada vaga deve atender o mínimo de 25m², incluindo acesso, circulação e manobra. Edifícios com fins religiosos devem atender uma legislação específica. Por esta legislação não estar descrita, utilizou-se para o cálculo os parâmetros destinados a espaços culturais, considerando o auditório: 1vaga/12,5m² de platéia – $300/12,5 = 24$ vagas.

Essa quantidade de vagas não é suficiente para atender a demanda da igreja que, com o templo atual com capacidade para 260 pessoas, necessita de espaço para estacionar cerca de 60 carros todos os domingos. Considerando que uma das necessidades atuais da igreja é espaço para estacionamento e que haverá um aumento nas instalações da igreja, não seria correto propor um espaço menor que a demanda atual, ficando assim estabelecida a quantidade de 80 vagas.

$$80 \text{ vagas} \times 25\text{m}^2 = 2000\text{m}^2$$

Programa de necessidades e pré-dimensionamento	
Área do terreno	2.280m ²
Coeficiente de aproveitamento	1 = 2.280m ²
Culto	575m ²
Administração	48m ²
Apoio	890m ²
Subtotal	1.513m ²
Circulação	20% = 302m ²
Total de área computável	1.815m ²
Estacionamento	2000m ²
Total de área construída	3.815m ²

Tabela 2 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento. Fonte: do autor.

5.2. Parâmetros de projeto

Tendo como base a conceituação teórica, os estudos de caso e a interpretação da realidade, é necessário que sejam observadas questões fundamentais no momento do projeto de um templo evangélico.

A palavra igreja, como visto anteriormente, significa reunião ou assembleia de pessoas, ou seja, o edifício, cuja intenção é abrigar um culto de uma igreja evangélica, precisa proporcionar a reunião das pessoas, a interação entre as pessoas e a participação no ato do culto. O edifício que coloca as pessoas na simples posição de expectadores, não cumpre a função de reunião ou assembleia, na qual todos deveriam participar.

A mensagem pregada por Cristo e seus discípulos era uma mensagem simples. A igreja primitiva, que impactou o mundo romano, era uma igreja simples, portanto, ao se projetar um templo cristão se faz necessário observar a simplicidade, uma vez que a ostentação não faz parte da mensagem do evangelho.

O templo cristão deve refletir a mensagem que nele é pregada. Uma vez que o culto só pode ser aceito pela divindade adorada se for sincero e espontâneo, o templo precisa refletir essa sinceridade na sua concepção, uso dos materiais e dos elementos simbólicos. A simples colagem de elementos consagrados pelo uso como sagrados não caracteriza um edifício sagrado.

Por último, mas não menos importante, o edifício que se preste ao culto evangélico precisa ter clareza no entendimento das palavras e um pouco de reverberação para dar corpo à música. Num edifício muito reverberante, nem a música nem a pregação seriam compreendidos, uma vez que haveria uma sobreposição das ondas sonoras dificultando o entendimento dos ouvintes.

5.3. Prováveis tipologias

Por se tratar de um espaço sagrado, e como já visto anteriormente, é um espaço que se diferencia do seu entorno, este curto capítulo tem por objetivo, por meio de ensaios, investigar diferentes formas de implantação do futuro projeto, entendendo que de nenhum modo este estudo deve limitar a atividade posterior de projeto, mas dar apoio a esta atividade.

Uma vez que o programa de uma igreja evangélica abrange uma série de atividades de apoio a comunidade e a atividade de prestação do culto e não somente a prestação do culto, o autor entende que a tipologia do pátio atende de maneira eficaz a disposição do programa.

A concepção do pátio denota uma área íntima, de convívio e encontros. No Cristianismo, a comunhão das pessoas é extremamente importante, e ela pode ser fortalecida se estas tiverem um local onde possam se confraternizar além do espaço de culto.

Os exemplos a seguir mostram esta tipologia de implantação do espaço mais fechada que vai se abrindo até quase se perder, com edifícios totalmente isolados, mas unidos entre si por uma praça.

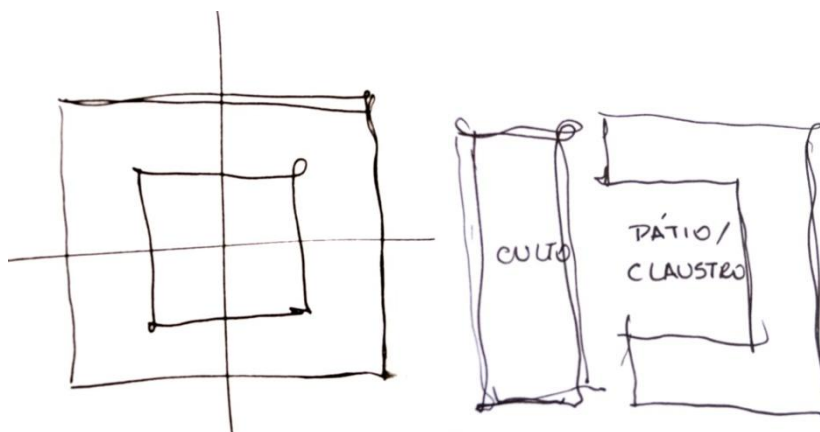


Figura 72 - Croqui de análise da tipologia do pátio no Monasterio de la Tourette - Le Corbusier. Fonte: do autor.

O pátio tem por característica unir espaços e ao mesmo tempo separá-los. É por isso que o autor entende que a tipologia do pátio se presta ao tema, uma vez que é importante que o observador tenha uma clara leitura do conjunto e saiba onde é o espaço de culto em meio aos demais espaços.

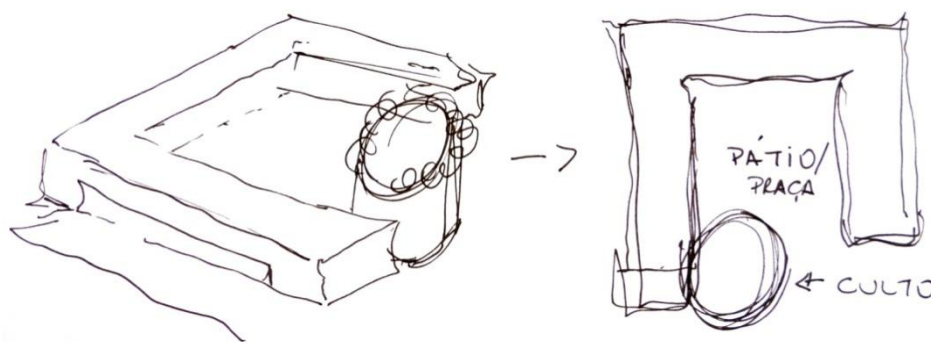


Figura 73 - Croqui da Catedral da Ressurreição de Évry - Mario Botta. Fonte: do autor.

No projeto da Catedral da Ressurreição de Évry, o arquiteto posiciona o espaço de culto quase como um anexo, não fosse suas proporções, dando maior importância a este volume por sua forma diferenciada e altura. As demais atividades foram alocadas em um edifício em U, conformando uma praça. Já no projeto da Igreja de Santo Volto, em Turim, o mesmo arquiteto destaca o volume do espaço de culto do restante do outro volume em L, no qual estão as demais atividades da igreja. Os dois espaços se conectam exteriormente por uma grande praça.

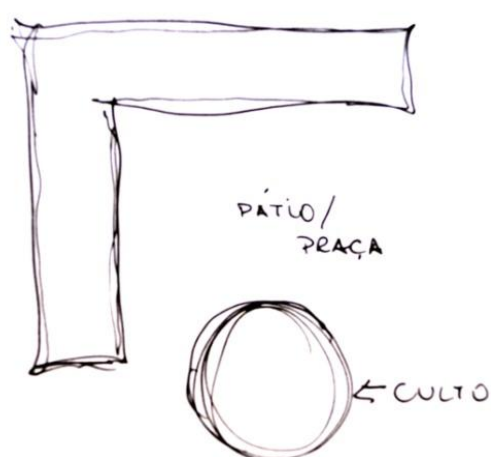


Figura 74 - Croqui da Igreja Santo Volto, Turim - Mario Botta. Fonte: do autor.

No projeto da Sinagoga de Dresden, na Alemanha, o espaço de culto e o de apoio estão opostos em um eixo, unido por uma praça elevada. O espaço de culto é valorizado, não só por estar distante do espaço de apoio, como também pela sua forma monolítica fechada e seu volume mais alto, enquanto que o edifício comunitário adota uma escala mais doméstica e grandes aberturas.

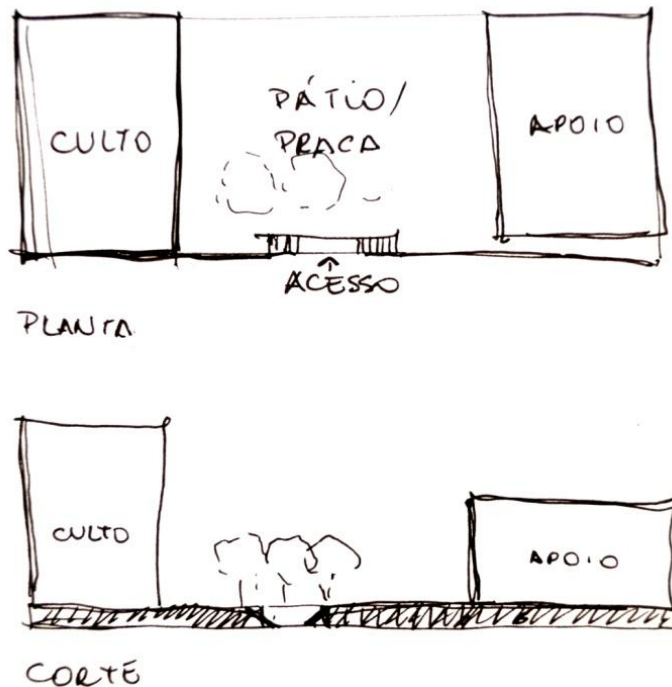


Figura 75 - Croqui da Sinagoga de Dresden - Wandel, Hoefer, Lorch e Hirsch. Fonte: do autor.

5.3.1. Ensaios

Alguns ensaios foram desenvolvidos no anseio de materializar o que se pretende desenvolver na próxima etapa de projeto.

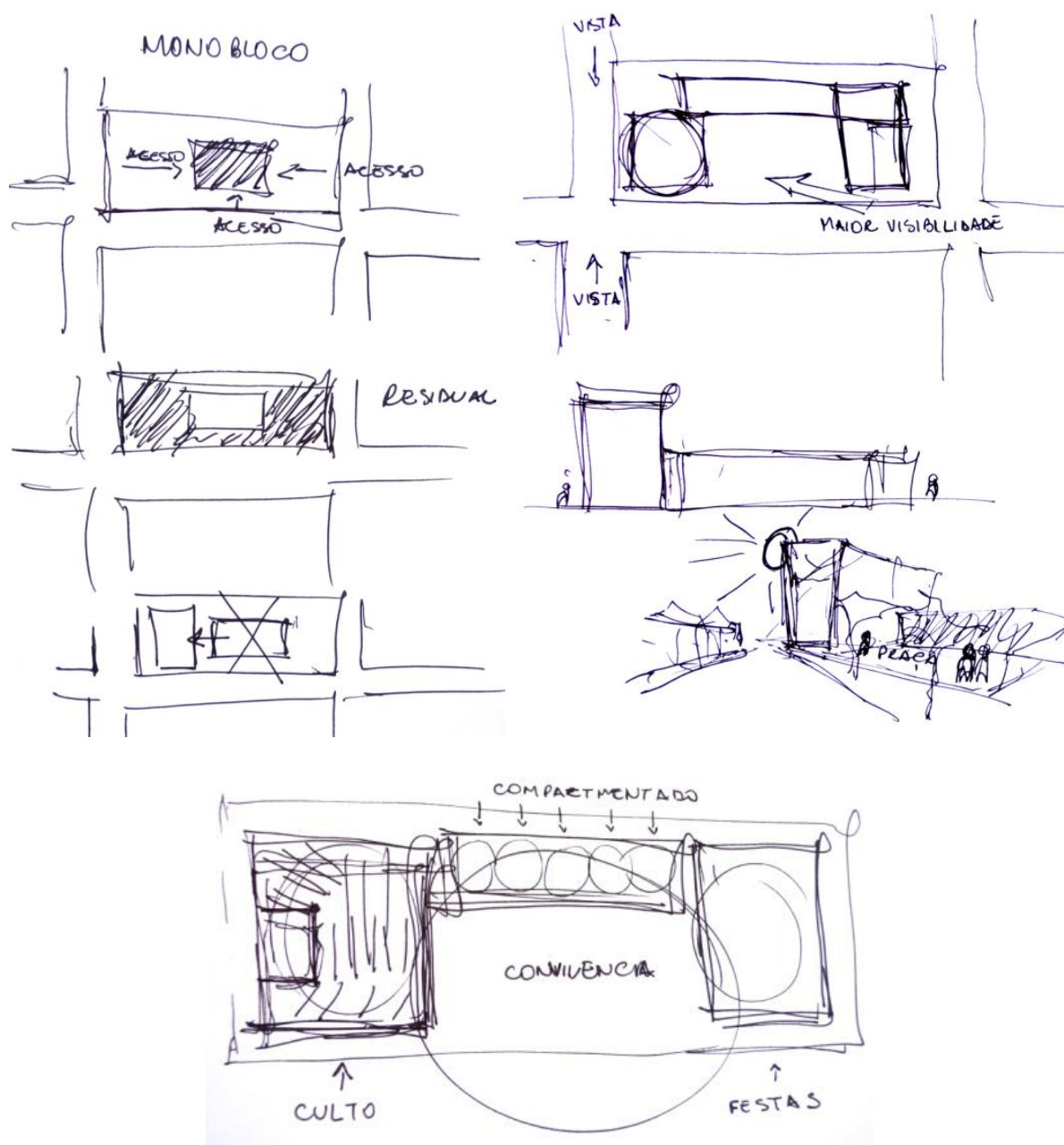


Figura 76 - Ensaios de projeto. Fonte: do autor

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo Pentecostal - Edição Revista e Corrigida de 1995**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ARAÚJO, Cristiane Ribeiro de Mello. **Arquitetura religiosa**. Disponível em <[http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes_-artigos/araujo.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes/_artigos/araujo.pdf)> Acesso em 15/05/2013.

BAKER, Geoffrey H. **Analisis de la forma: Le Corbusier**. Barcelona: Gili, 1994 [1985]; ----- . **Analisis de la forma: urbanismo y arquitectura**. México: Gili, 1992.

BARNABÉ, Paulo Marcos Mottos. **A poética da penumbra**. Disponível em <http://www.4shared.com/office/-q1Sjqi2/A_potica_da_penumbra.html> Acesso em 02/06/2013.

BURMANN, Claudir. **O espaço e o espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana**. Disponível em <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/019/ano08n2_06.pdf> Acesso em 15/05/2013.

CÂMARA, Uipirangi F. da S; SOUZA, Edilsom S. de. **Para uma compreensão do sagrado no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea**. Editora UFPR, Curitiba, 2005. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/7862/5543>> Acesso em 15/05/2013.

CHING, Francis D.K. **Arquitectura: forma, espacio y orden**. México: Gili, 1985;

CONSTITUIÇÃO DE 1824. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm> Acesso em 10/07/2013.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano – a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EMMERICK, Rulian. **As relações Igreja/ Estado no Direito Constitucional Brasileiro. Um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade.** Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/383/822>> Acesso em 01/07/2013.

GERMANO, Altair. **O genuíno culto pentecostal.** Disponível em <<http://www.portalfiel.com.br/artigo.php?id=67-o-genuino-culto-pentecostal.html>> Acesso em 17/06/2013.

GIL FILHO, S.F. **O sagrado e a religião.** Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR_ELIGIOSO/artigos/o_sagrado_e_a_religiao.pdf> Acesso em 05/05/2013.

GOMES, Sérgio Rugik. **A arquitetura das sinagogas – exemplos relevantes e sua transformação no tempo.** Dissertação de mestrado. FAU-USP. São Paulo, 2011.

HOLL, Steven e outros. **Questions of perception. Phenomenology of architecture.** Tóquio: A+U, 1995.

HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles, FRACO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOBODA, Carlos Roberto. **Entre o sagrado e o profano: usos e funções dos espaços públicos na cidade contemporânea.** Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.agb.org.br%2Fevento%2Fdownload.php%3FidTrabalho%3D3218&ei=eynsUeOcDpTQ8wSQnYDYAg&usg=AFQjCNH_YQ8ZwWG4Mwz2R6eJNKrjFFfE7Q&sig2=TBAQBWSn1MoBN4obGJ_B5w> Acesso em 17/05/2013.

MANSK, Erli. **Manual de dedicação.** Porto Alegre: IECLB, 2011. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/conteudo.php?idConteudo=22768>> Acesso em 10/07/2013.

MATOS, Alderi Souza. **Os átrios de Senhor: o significado dos templos cristãos na história.** Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7103.html>> Acesso em 01/07/2013.

MEISS, Pierre Von. **Elements of Architecture**. Londres: E&FN Spon, 1996[1990]

MELLO, Ricardo B. **A cultura da crença: uma reflexão sobre o espaço simbólico e o simbolismo na arquitetura religiosa**. Tese de mestrado. FAU-USP. São Paulo, 2007.

MOURA, Josias. **Manual de cerimônias para o ministro evangélico**. Disponível em <<http://josiasmoura.wordpress.com/2009/03/17/manual-de-cerimonias-e-liturgias-para-o-ministro-evangelico-otimo-material/>> Acesso em 22/06/2013.

PALLASMAA, Juhani. **Una arquitectura de la humildad**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2010.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **De bem com a vida: o sagrado num mundo em transformação – um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea**. Tese de mestrado. FFLC-USP. São Paulo, 2001.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROTH, Leland M. **Entender la arquitectura, sus elementos, história e significados**. Barcelona: Gili, 1999[1993].

UNWIN, Simon. **Análisis de la arquitectura**. Barcelona: Gili, 2003.

SILVA, Ailton da. **O genuíno culto pentecostal**. Disponível em <<http://www.slideshare.net/ailtonsilva2000/lio-8-o-genuno-culto-pentecostal-8016499>> Acesso em 16/06/2013.

SILVA, Alex S. **Religião e espacialização: o caso da Igreja Internacional da Graça de Deus**. Tese de mestrado. Curitiba: UFPR, 2010.

VIOLA, Frank A. **Cristianismo pagão: origem das práticas de nossa igreja moderna**. Viçosa: Ultimato, 2002.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gili, 2009 [2006]; ----- **Pensar a arquitetura**. Barcelona: Gili, 2009 [2006].